

---

O Círculo de Giz Caucasiano

---

Título do original alemão:  
*Der kaukasische Kreidekreis*

(Colaboração de R. Berlau)

## Personagens

*Representantes dos colcós "Galinsk":*

VELHO CAMPONÊS,  
CAMPONESA, JOVEM CAMPONESA,  
TRABALHADOR MUITO JOVEM

*Representantes dos colcós "Rosa Luxemburgo":*

VELHO CAMPONÊS, CAMPONESA,  
MOÇA TRATORISTA, AGRÔNOMA

DELEGADO DA CAPITAL  
CANTOR ARKADI TSCHIDZÉ  
GOVERNADOR GEÓRGI ABASCHVÍLI  
MULHER DO GOVERNADOR  
MIGUEL, filho do Governador  
MÉDICO 1, de Miguel  
MÉDICO 2, de Miguel  
AJUDANTE SHALVA  
PRÍNCIPE GORDO  
MENSAGEIRO  
SIMON CHACHAVA, soldado  
GRUSCHE VACHNADZE, criada  
ARQUITETO 1  
ARQUITETO 2  
JOVEM AIA  
VELHA AIA  
TERCEIRA AIA  
COZINHEIRA  
CRIADA GORDA  
MOÇO DE ESTREBARIA

VELHA DAMA  
JOVEM DAMA  
ESTALAJADEIRO 1  
CRIADO DO CARAVANÇARÁ 1  
SARGENTO  
HOMEM 1, mercador  
HOMEM 2, mercador  
MULHER, mercadora  
LAURENTI VACHNADZE, irmão de Grusche  
ANIKO, mulher de Laurenti  
SOGRA DE GRUSCHE  
YUSSUF, casado com Grusche  
MENINO ALTO  
MENINO GORDO  
MENINA  
AZDAK, marginal depois Juiz  
FUGITIVO  
SCHAUWA, policial  
SOBRINHO DO PRÍNCIPE GORDO  
INVÁLIDO  
CAPENGA  
MÉDICO ACUSADO  
CHANTAGISTA  
ESTALAJADEIRO 2  
CRIADO DO CARAVANÇARÁ 2  
LUDOWIKA, nora do Estalajadeiro 2  
FAZENDEIRO 1  
FAZENDEIRO 2  
FAZENDEIRO 3  
IRÁKLI, o bandido  
ADVOGADO 1  
ADVOGADO 2  
ARAUTO  
VELHO DIVORCISTA  
VELHA DIVORCISTA  
e mais: Soldados e Cavalarianos, Mendigos e Solicitantes, Músicos e Aldeões, Camponeses e Camponesas

## I

### PRÓLOGO:

#### O VALE EM QUESTÃO

*Entre as ruínas de uma aldeia caucasiana bombardeada, estão sentados em círculo, tomando vinho e fumando, representantes de dois colcoses, na maioria velhos e mulheres, e também alguns soldados. No meio deles, um delegado da Comissão Estatal de Reconstrução, da Capital.*

CAMPONÊS À ESQUERDA (*apontando*) — Naquelas colinas lá, nós paramos três tanques nazistas, mas a plantação de maçãs já estava arrasada.

VELHO CAMPONÊS À DIREITA — E a nossa linda granja: um montão de cinzas!

MOÇA TRATORISTA À ESQUERDA — Eu tinha de botar fogo na granja, camarada.

*Pausa.*

DELEGADO — Agora vamos ao meu relatório: “Compareceram a Nukha os representantes do colcós ‘Galinsk’, especializado na criação de cabras, que, por determinação das autoridades, antes o avanço dos exércitos de Hitler, foi deslocado para leste com seus rebanhos, e que pretende agora voltar a instalar-se neste mesmo vale. Seus representantes inspecionaram a aldeia, e os pastos, e comprovaram um alto grau de destruição. *(Os representantes à direita fazem sinais afirmativos de cabeça.)* O colcós ‘Rosa Luxemburgo’, vizinho, especializado na produção de frutas *(dirige-se aos da esquerda)*, propõem que as antigas terras de pastoreio do colcós ‘Galinsk’, um vale onde o capim é ralo, sejam dedicadas, na reconstrução, à plantação de vinhedos e árvores frutíferas”. Eu, como Delegado da Comissão Estatal de Reconstrução, peço aos representantes desses dois colcoses para decidirem, de comum acordo, se o colcós “Galinsk” deve ou não voltar para este lugar...

VELHO À DIREITA — Em primeiro lugar, mais uma vez eu quero protestar contra a limitação do tempo de discussão. Nós, do colcós “Galinsk”, viajamos três dias e três noites, para chegarmos até aqui e agora o tempo dos debates ser apenas a metade de um dia útil...

SOLDADO FERIDO À ESQUERDA — Camarada, nós já não temos mais tantas aldeias, nem tantos braços para o trabalho, nem tanto tempo disponível...

MOÇA TRATORISTA — Todos os divertimentos devem ser racionados: o fumo está racionado, o vinho está racionado, e o bate-papo também.

VELHO À DIREITA *(suspirando)* — Morte aos fascistas! Então eu vou diretamente ao assunto, e explico a vocês a razão de nós querermos de volta o nosso vale. Há uma porção enorme de razões, mas eu vou começar pela mais simples. Makinéia Abakidze, desembrulhe o queijo!

*Uma camponesa à direita retira de uma grande cesta um volumoso queijo embrulhado numa toalha. Aplausos e risos.*

VELHO À DIREITA — Sirvam-se, camaradas: não façam cerimônia!

VELHO À ESQUERDA *(desconfiado)* — Está pensando em subornar a gente?

VELHO À DIREITA *(entre risadas)* — Quem é aqui que está pensando em suborno, Surab, ladrão de vales? A gente sabe que você vai acabar ficando com o queijo e com o vale também. *(Gargalhadas.)* Tudo o que eu quero de você é uma resposta sincera: gostou desse queijo?

VELHO À ESQUERDA — A resposta é: gostei!

VELHO À DIREITA — Ora! *(Amargo:)* Eu bem podia ter imaginado que de queijo você não entende nada.

VELHO À ESQUERDA — Como não? Se estou dizendo, é porque o sabor dele me agrada!

VELHO À DIREITA — Você não pode gostar desse queijo: não é como o queijo dos velhos tempos! E por que não é bom como era antes? Porque nossas cabras não gostam do capim que têm agora, como gostavam do que tinham antes. Quando o pasto não é pasto, o queijo não é queijo. Peço que façam constar isto em ata!

VELHO À ESQUERDA — Mas esse queijo de vocês é excelente!

VELHO À DIREITA — Não excelente: é apenas medíocre. Os novos pastos não valem nada, digam os jovens o que disserem. O que eu digo é que lá não se pode viver. Nem a manhã de lá tem cheiro de manhã!

*Alguns riem.*

DELEGADO — Não leve a mal as risadas deles: isso é uma coisa que não podem compreender! Camaradas, por que é que a gente ama a terra onde nasceu? É justamente por isto: porque o pão tem mais sabor, o céu é mais azul, o ar é mais perfumado, as vezes são mais alegres, o chão é mais macio de pisar. É ou não é?

VELHO À DIREITA — Este vale sempre nos pertenceu!

SOLDADO — “Sempre”, como? Não há nada que tenha pertencido “sempre” a ninguém. Quando era jovem, nem você mesmo se pertencia: era pertence do Príncipe Kazbêki.

VELHO À DIREITA — De acordo com a lei, o vale é nosso!

MOÇA TRATORISTA — Em cada caso as leis precisam ser revistas, para se ver se ainda podem vigorar.

VELHO À DIREITA — Naturalmente. Não é importante a espécie de árvore que existe perto da casa onde a gente nasceu? E a espécie de vizinhos que a gente tem, não é importante? Nós queremos voltar, para que perto do nosso colcós estejam vocês, seus ladrões de vale! Agora podem ir outra vez.

VELHO À ESQUERDA (*rindo*) — Então por que não escuta com calma o que a sua “vizinha” Kato Wachtang, nossa agrônoma, tem a dizer sobre o vale?

CAMPONESA À DIREITA — Nós ainda não acabamos de falar tudo o que temos a dizer sobre o nosso vale: nem todas as casas foram arrasadas, e da granja pelo menos os alicerces estão lá firmes.

DELEGADO — Têm direito a uma ajuda do Estado, aqui e ali: vocês sabem.

CAMPONESA À DIREITA — Camarada Delegado, aqui não há nada a negociar. Eu não posso tirar o seu gorro e lhe dar outro, dizendo “este é melhor”: o outro pode ser muito melhor, mas é do seu que você gosta mais.

MOÇA TRATORISTA — Em nosso país, camarada, um pedaço de terra não é um gorro...

DELEGADO — Não vão brigar! É verdade que um pedaço de terra deve ser visto, por nós, mais como um instrumento de trabalho, com que se produz algo de útil; mas também é verdade que deve ser reconhecido o amor que se tem por um determinado pedaço de terra. Antes de levarmos adiante a discussão, eu gostaria que os camaradas do colcós “Galinsk” deixassem bem claro o que pretendem começar a fazer com esse vale tão disputado.

VELHO À DIREITA — De acordo!

VELHO À ESQUERDA — Muito bem: deixem Kato falar!

DELEGADO — Camarada Agrônoma!

AGRÔNOMA À ESQUERDA (*levanta-se, envergando uma farda militar*) — Camaradas: no inverno passado, quando fazíamos luta de guerrilha nas colinas, sempre falávamos no que poderia ser feito para aumentar umas dez vezes nossa produção de frutas, assim que os alemães fossem expulsos. Eu elaborei o projeto de um sistema de irrigação: por meio de uma represa em nosso lago de montanha, poderão ser irrigados trezentos hectares de terra, ainda improdutivos. Nosso colcós poderá então dedicar-se, não só a frutas como também a vinhedos. Mas esse projeto só pode ser posto em prática se dispusermos também do discutido vale do colcós “Galinsk”. Os cálculos estão aqui. (*Estende ao Delegado uma planta topográfica.*)

VELHO À DIREITA — Escreva aí no relatório que o nosso colcós pretende começar também uma criação de cavalos!

MOÇA TRATORISTA — Camaradas, este projeto foi calculado naqueles dias e noites em que nós tínhamos de acampar nas montanhas e muitas vezes nem havia mais balas para os nossos fuzis. Até um lápis era difícil de achar!

*Aplausos de ambos os lados.*

VELHO À DIREITA — Nossas congratulações aos camaradas do colcós “Rosa Luxemburgo” e a todos os que lutaram em defesa da pátria!

*Apertam-se as mãos e se abraçam.*

CAMPONESA À ESQUERDA — Nós então pensávamos que nossos soldados, os nossos homens e os de vocês, quando voltassem, deveriam encontrar uma pátria ainda mais cheia de frutos.

MOÇA TRATORISTA — Como disse o poeta Maiakóvski: “A pátria do povo soviético deve ser também a pátria da razão!”

Os camponeses à direita, menos o Velho, põem-se de pé e estudam com o Delegado os esboços da Agrônoma. Exclamações como: "Por que a queda d'água é de vinte e dois metros?" — "Aqui a rocha tem de ser arrebitada!" — "Enfim, só é preciso cimento e dinamite." — "Fazer a água chegar cá embaixo: muita esperteza!"

TRABALHADOR MUITO JOVEM à DIREITA (ao Velho à direita) — Aleko, eles vão irrigar todos os campos que ficam entre as colinas, olhe!

VELHO à DIREITA — Não olho nada! Eu sabia que o projeto ia ser bom. Não deixo que me encostem a face no peito.

DELEGADO — Mas o que estão encostando no seu peito é apenas um lápis!

Gargalhadas.

VELHO à DIREITA (levanta-se compenetrado e vai olhar os desenhos) — Infelizmente esses ladrões de vale sabem muito bem que nós, aqui da terra, não resistimos a máquinas e projetos...

CAMPONESA à DIREITA — Mas você mesmo é o pior de todos. Aleko Berechvili, quando se trata de novos projetos: isso é mais que sabido!

DELEGADO — E então como é que fica o meu relatório? Posso escrever que vocês vão apoiar, no colcós, a cessão do seu antigo vale para a implantação deste projeto?

CAMPONESA à DIREITA — Eu apóio. E você, Aleko?

VELHO à DIREITA (debruçado sobre os desenhos) — Eu solicito que nos sejam dadas cópias dos planos, para levarmos conosco.

CAMPONESA à DIREITA — Então agora podemos nos sentar para comer. Desde que ele tenha os desenhos e possa discutir, o assunto está resolvido: sei como ele é. E os outros, dos nossos, são iguaizinhos.

Os camponeses, sorrindo, abraçam-se de novo.

VELHO à ESQUERDA — Viva o colcós "Galinsk", e boa sorte para a sua nova criação de cavalos!

CAMPONESA à ESQUERDA — Camaradas: em homenagem aos representantes do colcós "Galinsk" e ao Delegado, foi programado um espetáculo de teatro, que tem muita relação com a nossa disputa, e nele toma parte o cantor Arkadi Tschaidzê.

Aplausos.

A Moça Tratorista corre a buscar o Cantor.

CAMPONESA à DIREITA — Camaradas, o espetáculo de vocês tem de ser muito bom: nós estamos pagando por ele um vale inteiro!

CAMPONESA à ESQUERDA — Arkadi Tschaidzê sabe de cor vinte e um mil versos!

VELHO à ESQUERDA — Ensaíamos a peça sob a direção dele. Por sinal, é muito difícil poder contar com ele. Vocês, da Comissão de Planejamento, bem que poderiam providenciar para nós podermos ter o Arkadi com mais frequência aqui pelo norte, hem, camaradas?

DELEGADO — Estamos mais voltados para a economia, prioritamente.

VELHO à ESQUERDA (rindo) — Se vocês podem coordenar a redistribuição de tratores e vinhedos, por que não também a de canções?

Conduzido pela Moça Tratorista, entra na roda o Cantor, Arkadi Tschaidzê, homem robusto e de aparência simples: com ele vêm quatro músicos, trazendo seus instrumentos. Os artistas são recebidos com calorosas palmas.

MOÇA TRATORISTA — Arkadi, este é o camarada Delegado!

*O Cantor saúda os presentes.*

CAMPONESA À DIREITA — Sinto-me muito honrada em conhecê-lo: desde os meus tempos de escola eu já ouvia falar no seu canto.

CANTOR — Desta vez é uma peça com canções, e nela toma parte o colcós quase inteiro. Trouxemos também máscaras, como antigamente.

VELHO À DIREITA — Será uma daquelas velhas lendas?

CANTOR — É uma bem velha, intitulada "O Círculo de Giz", e é de origem chinesa. Mas nós vamos apresentar uma adaptação livre. — Iúri, mostre as máscaras! — Camaradas, é uma honra para nós poder dar a vocês algum divertimento, depois de uma discussão tão difícil. Esperamos que sintam a voz do velho poeta ecoando também à sombra dos traidores soviéticos. Talvez não seja muito certo misturar vinhos diferentes, mas a sabedoria antiga e a nova combinam perfeitamente. E agora espero também que a gente possa comer alguma coisa, antes de começar o espetáculo: isso ajuda muito.

VOZES — Muito bem! — Vamos todos para o salão!

*Todos saem alegremente para comer. Enquanto caminham, o Delegado dirige-se ao Cantor.*

DELEGADO — Quanto tempo essa história vai durar, Arkadi? Eu preciso voltar para Tiflis ainda esta noite!

CANTOR (*sem se afobar*) — São só dois episódios: duas horas.

DELEGADO (*muito confidencialmente*) — Você não podia dar um jeito de encurtar um pouquinho?

CANTOR — Não, mesmo.

*Saem todos.*

## O MENINO DE ALTO BERÇO

*Sentado no chão, na frente dos músicos, tendo nos ombros uma capa de pele de carneiro preta, o Cantor folheia um libreto usado, com pedaços de papel marcando páginas.*

CANTOR — Há muito tempo, num tempo de muito sangue, numa cidade apelidada "a Maldita", havia um governador de nome Geórgi Abaschvíli. Era rico como Creso. Tinha uma linda mulher. E tinha um filho cheio de saúde. Na Grusínia nenhum outro governador tinha tantos cavalos em sua estabulação, nem tantos mendigos à sua porta, nem tantos soldados a seu serviço, nem tanta gente a pedir favores na corte. Como é que eu posso explicar a vocês quem era Geórgi Abaschvíli? Ele sabia aproveitar a vida. Num domingo de Páscoa, de manhã, o governador foi com a família à igreja.

*Do pórtico de um palácio surgem mendigos e pessoas pedindo coisas: crianças magras, aleijados, mãos sacudindo petições no ar. Atrás deles vêm dois Soldados de couraça, e logo a seguir o Governador com a família, ricamente vestidos.*

MENDIGOS E SOLICITANTES — Misericórdia, Alteza! Os impostos estão pesados demais! — Alteza, perdi uma perna guerreando contra os persas, e agora como é que eu vou me arranjar? — Alteza, meu irmão está inocente, deve ser algum engano! — Estou morrendo de fome! — Alteza, por favor, dispense do serviço militar o último filho que temos! — Alteza: ouça, o inspetor de águas foi subornado!

*Um Criado recolhe as petições, outro distribui moedas que tira de uma sacola. Os Soldados fazem a turba recuar, estalando pesados chicotes.*

SOLDADOS — Para trás! Deixem livre a entrada da igreja!

*Atrás do Governador e de sua Mulher, e do Ajudante, sai do pórtico do palácio o Filho do Governador, conduzido num luxuoso carrinho. A multidão avança de novo, para vê-lo.*

CANTOR (*enquanto a multidão é rechaçada a golpes de chicote*) — Pela primeira vez, naquela Páscoa, o povo ia poder ver o herdeiro: dois doutores não arredavam passo do menino fidalgo, que era a menina dos olhos do senhor Governador.

*Gritos da multidão: "É o menino!" — "Não me empurrem, assim não posso ver!" — "Deus o abençoe, Alteza!"*

CANTOR — Até o poderoso príncipe Kazbéki foi reverenciá-lo na porta da igreja.

*Um Príncipe Gordo adianta-se e saúda a família do Governador.*

PRÍNCIPE GORDO — Feliz Páscoa, Natella Abaschvíli!

*Ouve-se uma ordem de comando, e um Mensageiro, coberto de pó, abre caminho, estendendo ao Governador um rolo de papéis. A um aceno do Governador, o Ajudante, um vistoso jovem, põe-se na frente do Mensageiro, fazendo-o retroceder. Faz-se uma ligeira pausa, enquanto o Príncipe Gordo olha desconfiado para o Mensageiro.*

PRÍNCIPE GORDO — Que dia maravilhoso! Chovia ontem de noite, e eu só pensava: que Páscoa triste! Mas, hoje de manhã, o céu sereno! Adoro um céu sereno, Natella Abaschvíli, e um coração singelo. E o Miguelzinho: um perfeito governador, heim? Tititi! (*Faz cócegas no menino.*) Oi, Miguelzinho: feliz Páscoa! Tititi!

MULHER DO GOVERNADOR — Arsêni, o que é que você me diz? Geórgi afinal resolveu começar a construção do novo pavilhão pela ala leste. A favela, com aqueles casebres miseráveis, vai ser toda posta abaixo, para dar lugar aos jardins.

PRÍNCIPE GORDO — Essa é uma boa notícia, depois de tantas ruínas! E o que dizem da guerra, irmão Geórgi? (*A um gesto contrafeito do Governador:*) Uma retirada estratégica, pelo que ouvi? Ora, são pequenos contratemplos, que sempre acontecem. As coisas vão às vezes bem, às vezes mal. Azares da guerra, sem maior importância, é ou não é?

MULHER DO GOVERNADOR — Elezínho tossiu! Geórgi, você escutou? (*Ferina, aos Médicos, dois homens muito solenes que seguem de perto o carrinho*) — Elezínho está tossindo!

MÉDICO 1 (*ao Médico 2*) — Permite-me lembrar, Niko Mikadze, que eu era contra aquele banho morno? — Foi um ligeiro erro na temperatura do banho, Alteza!

MÉDICO 2 (*igualmente cerimonioso*) — Lamento não poder concordar, Mikha Loladze: a temperatura da água foi a prescrita pelo nosso grande e estimado Mishiko Oboladze. — Deve ter sido um golpe de ar noturno, Alteza!

MULHER DO GOVERNADOR — Precisam ter mais cuidado com elezínho! Geórgi, elezínho parece febril!

MÉDICO 1 (*inclinado sobre a criança*) — Não há motivo de inquietação, Alteza: com a água do banho um pouquinho mais tépida, isso não volta a acontecer.

MÉDICO 2 (*com um olhar insidioso ao Médico 1*) — Prezado Mikha Loladze, isto eu não vou esquecer. — Não tem por que se preocupar, Alteza!

PRÍNCIPE GORDO — Ai, ai, ai! — É o que eu sempre digo: se eu sinto uma dor no fígado, o médico há de sentir cinquentas nas solas dos pés! E isso apenas por estarmos vivendo numa época de brandura, porque antes era mais simples: cabeça decepada!



MULHER DO GOVERNADOR — Vamos para dentro da igreja, que aqui fora parece haver corrente de ar.

*O cortejo, compreendendo a família do Governador e sua criada, cruza a porta de uma igreja. O Príncipe Gordo vai atrás. O Ajudante sai do cortejo e aponta para o Mensageiro.*

GOVERNADOR — Antes do culto não, Shalva!

AJUDANTE (*ao Mensageiro*) — O Governador não quer saber de notícias que possam aborrecê-lo antes do culto religioso, ainda menos se, pelo que imagino, elas não são muito animadoras. Vá até à cozinha e coma alguma coisa, amigo!

*O Ajudante junta-se ao cortejo, enquanto o Mensageiro, praguejando, cruza o pórtico do palácio. De dentro do palácio vem o Soldado Simon Chachava, que se posta sob o pórtico da entrada.*

CANTOR — Tranqüila está a cidade.  
Pombos arrulham na praça da igreja.  
Um soldado da guarda do palácio  
diz piadas a uma jovem criada  
que traz do rio uma coisa embrulhada.

*Grusche Vachnadze, uma rapariga da criadagem, aproxima-se do pórtico do palácio, sobraçando um embrulho de grandes folhas verdes.*

SIMON — E a senhorita não está na igreja? Gazeteando o culto religioso?

GRUSCHE — Eu já estava vestida e toda pronta, quando se viu que para a mesa da Páscoa faltava um ganso; e me pediram para ir buscar um, porque de ganso eu entendo um pouco.

SIMON — Ganso? (*Com fingida desconfiança:*) Primeiro eu quero ver que ganso é esse!

*Grusche parece não compreender.*

SIMON — Numa criada não se pode confiar: quando ela diz “eu só fui ali pegar um ganso”, vai-se ver e a coisa é bem diferente!

GRUSCHE (*dirige-se resolutamente para o Soldado Simon e mostra o ganso*) — Olhe aqui! Se isto não é um ganso de oito quilos, engordado com milho, quero comer as penas dele todas!

SIMON — Esse é um ganso real. Quem vai comer todo ele é o próprio Governador... E a senhorita já não esteve no rio mais de uma vez?

GRUSCHE — Só ali perto do galinheiro.

SIMON — Sim, ali perto do galinheiro, descendo um pouco, no meio daqueles juncos?

GRUSCHE — Perto dos juncos, só vou lavar roupa.

SIMON (*significativamente*) — Certo!

GRUSCHE — Certo, o que?

SIMON (*piscando um olho*) — Certo: é isso mesmo!

GRUSCHE — E por que não haveria de lavar roupa no meio dos juncos?

SIMON (*rindo com exagero*) — “Por que não haveria de lavar roupa no meio dos juncos?” — Essa é boa, ora, essa é muito boa!

GRUSCHE — Eu não estou entendendo o senhor soldado: que coisa tão boa é essa de que está falando?

SIMON (*sonso*) — Soubesse alguém o que sabe a gente, teria o sangue gelado e quente!

GRUSCHE — Não sei o que uma pessoa pode achar que aqueles juncos têm de mais.

SIMON — E se tivesse em frente alguma moita, de onde a gente pudesse ficar apreciando tudo: tudo o que pode ser apreciado quando uma certa pessoa vai “lavar roupa” entre os juncos?

GRUSCHE — Que é que tem? O senhor soldado quer ter a bondade de me dizer claramente o que está pensando?

SIMON — O que tem é uma coisa que deixa a gente ver uma outra coisa. . .

GRUSCHE — O senhor soldado vai me dizer que uma vez o dia estava muito quente e eu meti os dedos dos pés dentro d'água, porque não foi nada além disso!

SIMON — Um pouquinho mais: os dedos dos pés e um pouquinho mais.

GRUSCHE — Mais o que? O pé. E pronto!

SIMON — Mais o que? O pé e mais alguma coisa. *(Dá risada.)*

GRUSCHE *(zangada)* — Você devia ter vergonha, Simon Chachava: ficar sentado no mato, esperando a gente molhar as pernas no rio quando o dia está quente! E talvez na companhia de outros soldados! *(Afasta-se correndo.)*

SIMON *(gritando atrás dela)* — Eu estava sozinho, mais ninguém!

*Quando o Cantor retoma a narrativa, o Soldado Simon Chachava sai correndo atrás de Grusche.*

CANTOR — Está tranqüila a cidade:  
por que tanta gente armada?  
Está em paz o palácio do governante:  
por que parece uma fortaleza?

*Da porta da igreja, à esquerda, sai, a passos apressados, o Príncipe Gordo; detém-se e olha em redor. Diante do pórtico do palácio, à direita, estão dois cavalarianos de couraça. O Príncipe Gordo olha-os e passa por eles devagar, fazendo-lhes um sinal; depois, sai rapidamente. Um dos cavalarianos entra no*

*palácio, o outro continua de vigia. De vários pontos ao fundo ouvem-se gritos surdos: “Todos a postos!” — O palácio mudou de dono. Toque de sinos ao longe. Do portal da igreja sai o cortejo do Governador, que volta do culto religioso.*

CANTOR — Aí o Governador volta para o palácio.  
Aí o fortim dele agora é uma armadilha.  
Aí já estava o ganso depenado e assado.  
Aí o ganso não ia mais ser provado.  
Meio-dia não era mais hora de comer:  
meio-dia era agora a hora de morrer.

MULHER DO GOVERNADOR *(de passagem)* — É realmente impossível viver neste barracão, mas Geórgi naturalmente só faz construções para o Miguelzinho e para mim nada: Miguel é tudo e tudo é para o Miguel.

GOVERNADOR — Você ouviu o “feliz Páscoa” do mano Kazbéki? Pois muito bem: que eu saiba, ontem à noite não choveu aqui em Nukha. Choveu onde estava o mano Kazbéki. Onde é que estava o mano Kazbéki?

AJUDANTE — É preciso averiguar.

GOVERNADOR — É, e depressa: amanhã.

*O cortejo passa pelo pórtico do palácio. O Mensageiro, que nesse meio tempo já voltou lá de dentro, encaminha-se para o Governador.*

AJUDANTE — Excelência, não quer ouvir agora o Mensageiro da Capital? Chegou esta manhã com documentos confidenciais!

GOVERNADOR *(continuando a andar)* — Antes de comer não, Shalva!

AJUDANTE *(ao Mensageiro, enquanto o cortejo desaparece no interior do palácio e ficam apenas dois cavalarianos postados à entrada)* — O Governador não quer saber de assuntos militares antes do almoço, e na parte da tarde Sua Excelência estará em conferência com eminentes arquitetos.

tos que também foram convidados para o almoço. Af estão eles! *(Adiantam-se três Arquitetos, enquanto o Mensageiro retira-se, cumprimentando-os.)* Meus senhores, Sua Excelência está esperando para almoçar: todo o tempo dele será dedicado aos senhores e aos grandiosos projetos novos! Venham depressa!

UM DOS ARQUITETOS — Estamos encantados de ver que Sua Excelência ainda é capaz de pensar em construções, em meio a tantos boatos inquietantes sobre uma reviravolta infeliz na guerra da Pérsia.

AJUDANTE — Digamos que é por causa de tantos boatos: isso não tem a mínima importância, a Pérsia está muito longe! E os homens da nossa guarnição deixariam fazer-se em pedacinhos, pelo Governador.

*Ruídos vêm do palácio: um grito lancinante de mulher, vozes de comando. O Ajudante, perplexo, dirige-se para o pórtico do palácio. Um dos Cavalários barra-lhe a passagem, brandindo a alabarda.*

AJUDANTE — Que é isto, agora? Guarde essa lança, cachorro! *(Enfurecido, à guarda do palácio:)* Desarmem essa gente! Não estão vendo que é um golpe contra o Governador?

*Os Cavalários não obedecem: olham para o Ajudante com frieza e indiferença, acompanhando desinteressadamente a marcha dos acontecimentos. O Ajudante arma-se e luta para entrar no palácio.*

UM DOS ARQUITETOS — Os Príncipes! Ontem à noite, na Capital, houve uma reunião dos Príncipes, que estão contra o Grão-Duque e os Governadores. Minha gente, o melhor é a gente sumir!

*Os Arquitetos saem rapidamente.*

CANTOR — Ó cegueira dos grandes! Sobre nuca dobradas andam como se fossem grandes para sempre,

confiantes em punhos de aluguel e na violência que já dura há longo tempo. Mas longo tempo não quer dizer para sempre. O mudança dos tempos: esperança dos povos!

*Do pórtico do palácio sai o Governador, acorrentado, com o semblante sombrio, entre dois Soldados armados até os dentes.*

CANTOR — Até sempre, poderoso senhor! Tenha a dignidade de ir de cabeça erguida! Do palácio o acompanham os olhares de muitos inimigos! Já não vai precisar dos arquitetos: basta-lhe um carpinteiro. Não vai para nenhum palácio novo, vai para um simples buraco na terra. Dê mais uma olhadinha à sua volta, cego!

*O prisioneiro olha em redor.*

CANTOR — Vê como é bom o que você foi arranjar? Entre a missa de Páscoa e a mesa morna, você está indo agora para lá de onde ninguém retorna.

*O Governador vai empurrado. A guarda palaciana adere ao golpe. Ouve-se um toque de alarma. Barulho atrás do pórtico do palácio.*

CANTOR — Quando desaba a casa de um graúdo, são esmagados muitos dos pequenos: os que compartilhar jamais puderam da sorte dos poderosos, em geral compartilham do azar deles. A carruagem que se despenca no abismo leva com ela os cavalos suados.

*Do pórtico do palácio saem Criados correndo em pânico.*

OS CRIADOS *(na afobação)* — As arcas da bagagem! Tudo no terceiro pátio! Provisão para cinco dias! — A nobre senhora está desmaiada! — Temos de carregar, ela precisa

sair daqui! — E nós? — Nós vamos ser mortos que nem galinhas, todo mundo sabe disso. — Jesus, Maria, como é que vai ser? — Na cidade o sangue já está correndo! — Bobagem! O Governador foi delicadamente convidado para comparecer a uma reunião dos Príncipes: estou informado, de fonte fidedigna, que tudo vai terminar num acor-do entre cavalheiros.

*Também os dois Médicos acorrem apressadamente ao pátio.*

MÉDICO 1 (*procurando fazer o Médico 2 parar*) — Niko Mikadze, o seu dever de médico é dar assistência a Natella Abaschvíli!

MÉDICO 2 — Dever meu? Não: o dever é todo seu!

MÉDICO 1 — E hoje quem é que fica com o menino, Niko Mikadze: você ou eu?

MÉDICO 2 — Então você acha, Mikha Loladze, que por causa de um bebê eu vou ficar mais um minuto numa casa condenada?

*Entram em luta corporal. Só se ouve dizerem: "Você não quer cumprir com o seu dever!" — "Não tem dever, nem meio dever!" — Então o Médico 2 derruba o Médico 1.*

MÉDICO 2 — Vá para o inferno! (*Sai.*)

OS CRIADOS — Tem muito tempo até o fim da tarde: até lá, os soldados ainda não estarão bêbados. — Já se sabe se eles se amotinaram? — A guarda do palácio foi-se embora. — Então ninguém sabe o que aconteceu?

GRUSCHE — O pescador Meliva diz que na cidade foi visto no céu um cometa com a cauda vermelha, e isso é sinal de desgraça.

OS CRIADOS — Parece que se soube ontem, na cidade, que a guerra da Pérsia está completamente perdida. — Os Prin-

cipes armaram uma grande revolução: dizem que o Grão-Duque fugiu e todos os Governadores vão ser executados. — Com os pequenos, eles não fazem nada: tenho um irmão nos Cavalarianos.

AJUDANTE (*aparecendo na arcada*) — Todos para o terceiro pátio! Todo mundo ajudando a arrumar a bagagem!

*Dispersa-se o grupo. Simon afinal encontra Grusche.*

SIMON — Grusche, você: o que é que vai fazer?

GRUSCHE — Nada. Se eu precisar, um de meus irmãos tem casa na montanha. E você?

SIMON — Comigo não tem problema. (*Cerimonioso, de novo:*) Grusche Vachnadze, o seu interesse pelos meus planos me enche de contentamento. Recebi ordem para escoltar a senhora Natella Abaschvíli.

GRUSCHE — Mas não houve um motim da guarda do palácio?

SIMON (*sério*) — Houve.

GRUSCHE — E não vai ser perigoso acompanhar essa mulher?

SIMON — Em Tiflis há um ditado: "Cortar é um perigo para a faca?"

GRUSCHE — Você não é faca; você é um homem, Simon Chachava! O que é que você tem a ver com essa mulher?

SIMON — Com ela eu não tenho nada, mas recebi ordens e vou escoltá-la.

GRUSCHE — Soldado é mesmo cabeça-dura: corre perigo por nada de nada. (*Chamam-na do palácio.*) Preciso ir para o terceiro pátio, e estou com pressa.

SIMON — Se está com pressa, não vamos discutir mais, porque uma boa discussão exige tempo. Pode-se perguntar se a senhorita ainda tem pais vivos?

GRUSCHE — Não. Só um irmão.

SIMON — Como o tempo é curto, lá vai a segunda pergunta: a senhorita é saudável como um peixe dentro d'água?

GRUSCHE — De vez em quando uma dorzinha aqui no ombro direito, mas, fora isso, não falta disposição para qualquer trabalho: nunca ninguém reclamou.

SIMON — Está-se vendo: quando se trata de ir pegar um ganso, num domingo de Páscoa, quem vai é ela! Pergunta número três: a senhorita não será muito exigente! Não é das que pedem cereja em pleno inverno?

GRUSCHE — Exigente, não. Mas quando alguém vai para a guerra sem razão e não manda notícias, aí tem zanga.

SIMON — Pelo menos uma notícia há de chegar (*Chamam por Grusche, do palácio, novamente.*) Para terminar, a pergunta principal...

GRUSCHE — Simon Chachava, como eu tenho de ir para o terceiro pátio e estou com muita pressa, minha resposta é: sim!

SIMON (*embaraçadíssimo*) — É como dizem: "Chama-se pressa o vento que derruba os andaimos." Também dizem: "Os ricos não têm pressa". Eu nasci em...

GRUSCHE — Kutz!

SIMON — A senhorita também já andou se informando? Gozo de muita saúde, não tenho mais ninguém a sustentar, ganho por mês dez piastras, vou ganhar vinte como intendente, e peço respeitosamente a sua mão.

GRUSCHE — Simon Chachava, para mim está bem.

SIMON (*tira do pescoço um fino cordão com uma pequenina cruz pendurada*) — Esta cruz foi de minha mãe, Grusche Vachnadze, e o cordão é de prata: eu gostaria que você usasse.

GRUSCHE — Muito obrigada, Simon.

*Ele põe o cordão no pescoço dela.*

SIMON — Preciso cuidar dos cavalos, a senhorita compreende. É melhor a senhorita ir logo para o terceiro pátio, para evitar aborrecimentos.

GRUSCHE — Pois é, Simon.

*Permanecem indecisos.*

SIMON — Eu vou só levar a patroa até onde estão as tropas que continuam leais. Assim que a guerra terminar, eu volto: em duas ou três semanas. Espero que o tempo não custe muito a passar para a minha noiva, até eu voltar.

GRUSCHE — Simon Chachava, eu fico aqui esperando por você. Pode partir sossegado para a batalha, soldado, para a batalha de sangue e de fel, da qual nem todos voltam: quando voltar, aqui me há de encontrar. Esperarei por você debaixo do olmeiro verde, esperarei por você debaixo do olmeiro seco, esperarei até que o último tenha voltado, e ainda mais. Quando você voltar dessa batalha nenhuma bota à minha porta há de encontrar, o travesseiro junto ao meu vago há de estar, e a minha boca sem beijo de amante. Quando voltar, você há de dizer: tudo está como antes.

SIMON — Agradeço a você, Grusche Vachnadze. E até à volta!

*Ele curva-se respeitosamente diante dela, e ela também se inclina profundamente. Depois, ela sai correndo, sem olhar para trás. Do pórtico do palácio surge o Ajudante.*

AJUDANTE (*asperamente*) — Atralem os cavalos à carruagem grande, não fiquem aí parados, seus idiotas!

*Simon Chachava faz posição de sentido e sai. Do pórtico vêm dois criados, curvados ao peso de enormes arcas. Atrás deles, amparada por suas Aias, vem Natella Abaschvili, seguida de uma Ama-Seca com o Menino.*

MULHER DO GOVERNADOR — Ninguém se importa com coisa alguma. Não sei onde estou com a cabeça. Onde está Miguel? Não o segure de mau jeito assim! Essas arcas vão para a carruagem! Alguma notícia do Governador, Shalva?

AJUDANTE (*abanando a cabeça*) — Já devem tem partido.

MULHER DO GOVERNADOR — Sabem alguma coisa da cidade?

AJUDANTE — Não, até agora tudo em paz, mas não temos um minuto a perder. Não há lugar para as arcas na carruagem. É bom a senhora levar só o que achar indispensável. (*Sai rapidamente.*)

MULHER DO GOVERNADOR — Só o indispensável! Depressa, abram as arcas, que eu vou dizendo o que preciso levar!

*As arcas são postas no chão e abertas. A Mulher do Governador aponta uns vestidos de brocado.*

MULHER DO GOVERNADOR — O verde e o outro com aplicações de pele! Onde estão os médicos? Já estou de novo com esta enxaqueca horrível, começando a me latejar nas têmporas... E também esse, com botões de pérolas!

*Entra Grusche.*

MULHER DO GOVERNADOR — Aproveitando o seu tempo, não é? Vá logo buscar os jarros d'água quente!

*Grusche sai correndo, voltando a seguir com os jarros de água quente, e atende aos sinais com que a patroa lhe dá ordens.*

MULHER DO GOVERNADOR (*a uma Jovem Aia*) — Não vá rasgar as mangas!

JOVEM AIA — Perdão, nobre senhora, não houve nada com o vestido.

MULHER DO GOVERNADOR — Foi porque eu não deixei: há muito tempo que estou de olho em você. Só tem cabeça para olhar o Ajudante! Mas eu lhe ensino, sua cachorra! (*Espanca a Jovem Aia.*)

AJUDANTE (*voltando*) — Depressa, por favor, Natella Abaschvili! A guerra já está dentro da cidade. (*Torna a sair.*)

MULHER DO GOVERNADOR (*largando a Jovem Aia*) — Deus do céu! Estão pensando que eu vou cair nas mãos deles? E por que? (*Calam-se todas, e ela começa a rebuscar pessoalmente nas arcas.*) E a minha jaqueta de brocado? Me ajudem! E Miguel? Está dormindo?

AMA-SECA — Está, nobre senhora.

MULHER DO GOVERNADOR — Então deixe-o ficar aí, um instante, e vá ao meu quarto buscar minhas botinhas de marroquim: preciso delas, para combinar com o vestido verde. (*A Ama-Seca deixa o Menino e sai correndo, dizendo de passagem à Jovem Aia:*) Não fique aí parada, bobalhona! (*A Jovem Aia corre também.*) Espere, ou mando açoitar você! (*Pausa.*) E o jeito como embrulharam as coisas: sem amor, sem cuidado... Quando não se pode fazer tudo pessoalmente... E nessas horas que a gente vê como são as criadas. Mascha! (*Faz um sinal com a mão.*) São muito boas para comer, mas gratidão vocês não têm: disso eu não vou me esquecer.

AJUDANTE (*muito agitado*) — Natella, venha logo! O nosso Illo Orbeliâni, juiz do Supremo Tribunal, acaba de ser enforcado pelos tapeceiros amotinados.

MULHER DO GOVERNADOR — Por que? O vestido prateado eu preciso levar, me custou mil piastras. E este outro também, e as minhas peles. Onde está o meu vestido cor de vinho?

AJUDANTE (*tenta tirar-lhos das mãos*) — Já estourou a revolta nos subúrbios. Nós temos de sair o quanto antes. (*Um Criado sai correndo.*) Onde está o menino?

MULHER DO GOVERNADOR (*chamando a Ama-Seca*) — Mara! Attume o menino! Onde foi que você se escondeu?

AJUDANTE (*de saída*) — É melhor desistirmos da carruagem e irmos a cavalo.

*A Mulher do Governador remexe nos vestidos, põe alguns deles numa pilha que pretende levar, torna a tirá-los. Ouvem-se rumores, toques de tambor. O céu começa a ficar vermelho.*

MULHER DO GOVERNADOR (*remexendo as roupas em desespero*) — Não acho o meu vestido cor de vinho! (*Com menosprezo, à Segunda Aia:*) — Pegue essa pilha e ponha na carruagem! E Mara, por que não volta logo? Será que ficaram todos malucos? Bem que eu dizia: estava em baixo de tudo!

AJUDANTE (*voltando*) — Vamos, rápido! Rápido!

MULHER DO GOVERNADOR (*à Segunda Aia*) — Correndo, ponha isso na carruagem!

AJUDANTE — A carruagem não vai. Se a senhora não vier comigo, a cavalo, eu vou sozinho.

MULHER DO GOVERNADOR — Mara! Traga o menino! (*À Segunda Aia:*) Mascha, vá ver onde ela está! Não: primeiro ponha meus vestidos na carruagem! Ir a cavalo é uma estupidéz! (*Virando-se, avista os clarões de incêndio, e fica estarrecida.*) Está pegando fogo!

*A mulher do Governador afasta-se precipitadamente. O Ajudante vai atrás dela. A Segunda Aia segue-os, abanando a cabeça, com a trouxa de vestidos. Do pórtico do palácio vem saindo a criadagem.*

COZINHEIRA — Deve ser na Porta Oeste, o fogo.

COZINHEIRO — Eles já foram embora. Sem a carroça de víveres. E nós, agora, como é que vamos?

MOÇO DE ESTREBARIA — Pois é, esta casa vai ficar mal-assombrada por algum tempo. (*À Terceira Aia:*) Sulika, eu vou buscar dois cobertores, e nós caímos fora.

AMA-SECA (*do pórtico, com um par de botinhas*) — Nobre senhora!

MULHER GORDA — Já está longe!

AMA-SECA — E o menino? (*Corre aonde está o Menino, pega-o no colo.*) Deixaram a criança abandonada, os desumanos! (*Entrega-o a Grusche.*) Fique com ele um instante! (*Metindo:*) Vou dar uma olhada na carruagem. (*Corre atrás da Mulher do Governador.*)

GRUSCHE — Que foi que fizeram com o patrão?

MOÇO DE ESTREBARIA (*fazendo o gesto da degola*) — Ffit!

CRIADA GORDA (*em crise, ao ver tal gesto*) — Meu Deus, meu Deus, meu Deus, meu Deus! Nosso patrão Geórgie Abaschvíli! Vendendo saúde ao amanhecer, e agora... Levem-me daqui! Estamos todos perdidos, e vamos morrer em pecado: como nosso patrão Geórgi Abaschvíli!

TERCEIRA AIA (*procurando acalmá-la*) — Nina, fique calma. Vamos tirar você daqui. Você não fez nada a ninguém.

CRIADA GORDA (*enquanto é levada para fora*) — Meu Deus, meu Deus, rápido, rápido, é agora: vamos embora, antes que eles cheguem, antes que eles cheguem!

TERCEIRA AIA — Nina se preocupa mais que os patrões: ora, até as lágrimas eles têm quem chore por eles! (*Descobre o rosto do Menino que está no colo de Grusche.*) E o menino! Que vai fazer com ele?

GRUSCHE — Coitadinho, ficou aí abandonado...

TERCEIRA AIA — A nobre senhora deixou o menino abandonado? O Miguelzinho, que não podia ficar exposto nem a um golpezinho de ar?

*A criadagem reúne-se em volta do Menino.*

GRUSCHE — Ele está acordando.

MOÇO DE ESTREBARIA — E melhor deixar esse menino aí e dar o fora! Eu nem quero pensar no que pode acontecer a quem for encontrado com esse menino. Vou apanhar nossas coisas, vocês me esperem! (*Entra no palácio.*)

COZINHEIRA — Ele tem razão: quando cismam de liquidar uma família, não deixam ninguém com vida. Eu já fiz minha trouxa.

*Saem todos, com exceção de Grusche, com o Menino no colo, e duas mulheres da criadagem.*

TERCEIRA AIA — Ainda não compreendeu que o melhor a fazer é cair fora?

GRUSCHE — A ama-seca me pediu para ficar com o menino um instantinho...

COZINHEIRA — E está pensando que ela volta, sua boba?

TERCEIRA AIA — Largue isso de mão!

COZINHEIRA — Eles vão querer dar cabo do filho, mais que da mãe: é o herdeiro! Grusche, você pode ser muito boazinha, mas não é das mais inteligentes. Uma coisa eu posso garantir: se o menino estivesse com lepra, não podia ser pior! Veja lá o que você quer arranjar!

*O Moço de Estrebaria reaparece com umas trouxas e entrega-as às mulheres; todos preparam-se para partir, menos Grusche.*

GRUSCHE (*obstinada*) — Com lepra, ele não está: o que eu estou vendo aqui é uma pobre criatura humana.

COZINHEIRA — Então não fique olhando muito para ele... Você é uma burra, mesmo, dessas que agüentam tudo. Se alguém diz "vá buscar uma salada quem tiver as pernas mais compridas", você vai logo correndo... Nós vamos pegar o carro-de-bois, e você também pode vir, se andar ligeiro. Jesus! Agora é um bairro inteiro que está pegando fogo!

TERCEIRA AIA — Não arrumou as suas coisas, Grusche? Agora não tem mais tempo: daqui a pouco os cavalarianos vão chegar do quartel...

*Saem as duas mulheres e o Moço de Estrebaria.*

GRUSCHE — Eu também vou!

*Grusche põe o Menino no chão, contempla-o por alguns instantes, retira das arcas próximas algumas peças de roupa e cobre-o todo, enquanto ele continua dormindo. Depois corre ao palácio, a fim de buscar suas coisas. Ouvem-se rumores de patas de cavalos e gritos de mulheres. Entra o Príncipe Gordo, com alguns Cavalarianos bêbados: um deles traz na ponta da alabarda a cabeça do Governador.*

PRÍNCIPE GORDO — Ali, bem no meio!

*Um dos Cavalarianos trepa nos ombros de outro, pega a cabeça do Governador e ergue-a acima do pórtico do palácio.*

PRÍNCIPE GORDO — Aí não é bem no meio. Um pouco mais à direita! O que eu mando fazer, meu caro, é para ser feito exatamente como eu mando. (*O Cavalariano, com martelo e um prego, pendura a cabeça pelos cabelos.*) Ainda hoje de manhã, na porta da igreja, eu dizia a Geórgi Abaschvíli: "Adoro um céu sereno". Mas do que eu gosto mais, mesmo, é do raio que rísca o céu sereno, isso é que é! Pena terem levado o molequinho, porque eu preciso botar as mãos nele. Procurem o menino por toda a Grusínia! Dou mil piastras a quem o achar!

*Enquanto Grusche aparece sob o pórtico espiando cautelosamente em redor, o Príncipe Gordo afasta-se com seus Cavalarianos. Ouvem-se de novo bater as patas dos cavalos. Grusche vem com uma trouxa e sai do pórtico para ir-se embora. Está quase do lado de fora, quando se volta para ver se o Menino ainda está no mesmo lugar. O Cantor começa a cantar, e ela permanece imóvel.*

CANTOR — Enquanto se demora  
entre a porta e o portão, ela escuta



ou parece escutar um suave chamado: é o menino que lhe faz um apelo, bem claro e sem choramingar, pelo menos assim tinha ela a impressão de escutar:

"Moça, moça, me ajude"

— dizia, claro e sem chorar —  
"porque, moça, quem faz que não ouve  
um grito de socorro  
e, tapando os ouvidos, se afasta, jamais há de ouvir  
a voz do bem-amado, nem o canto da cotovia  
ao clarão da manhã, nem o doce suspiro cansado  
dos que voltam da apanha das uvas  
ao toque do Ângelus."

Isto ouvindo...

*Grusche dá alguns passos em direção ao Menino e inclina-se sobre ele.*

CANTOR — ... ela volta e vai ver o Menino outra vez,  
junto dele se senta,  
a esperar se não chega mais gente:  
a mãe dele talvez, ou talvez qualquer  
outro parente...  
Só um pouquinho, antes de dar o fora,  
pois já o perigo  
é bem grande: a cidade tomada  
de incêndios e gritos.

*A claridade diminui, como se entardecesse e anoitcesse. Grusche foi até o palácio e voltou trazendo uma lâmpada e leite, para dar de beber ao Menino.*

CANTOR — Que poder fabuloso tem a vocação da bondade!

*Grusche senta-se junto ao Menino, visivelmente decidida a passar a noite ali tomando conta dele. Ora acende a lampadazinha para iluminá-lo, ora procura agasalhá-lo melhor com um dos mantos de brocado. De vez em quando, põe-se à escuta e espia em redor, mas não aparece ninguém.*

CANTOR — Longo tempo ficou ela assim com o menino, sentada,

até a tarde cair, até a noite cair,  
até vir a luz da madrugada e ela sentada ali  
por longo tempo olhando  
as pequeninas mãos, o respirar tranqüilo,  
até que veio o dia, e foi forte demais a tentação,  
e ela se levantou e se abaixou,  
e suspirando o menino apanhou  
e para longe com ele andou.

*Grusche vai fazendo todos os movimentos que o Cantor vai descrevendo.*

CANTOR — Como um roubo ela consigo o tomou,  
como uma ladra consigo o levou.

### 3

#### A FUGA PARA AS MONTANHAS DO NORTE

CANTOR — Quando Grusche Vachnadze saiu da cidade,  
seguindo a grande estrada grusiniana  
e o caminho que leva às montanhas do Norte,  
sabia só cantar e comprar leite.

Os Músicos — Como é que pode a criatura humana  
escapar dos cachorros e das armadilhas?  
Pelas montanhas sem vivalma lá foi ela,  
pela estrada grusiniana lá foi ela,  
sabendo só cantar e comprar leite.

*Grusche Vachnadze vai passando, levando nas costas uma espécie de saco com o Menino, tendo numa das mãos um bastão e na outra uma trouxa, cantando.*

GRUSCHE — Foram quatro generais  
em marcha sobre o Irã.

De guerra, nada entendia o primeiro;  
nem de vitória entendia o segundo;  
para o terceiro, o clima era danado;  
e o quarto não comandava os soldados.  
Foram quatro generais,  
nenhum deles chegou lá.

Lá foi Sosso Robakidze  
em marcha sobre o Irã.  
Teve uma guerra dura pela frente,  
e uma vitória que ninguém desmente;  
do clima, nada tinha a reclamar;  
e bem sabia as tropas comandar.  
Será Sosso Robakidze  
nosso homem de amanhã.

*Avista-se uma cabana de camponeses.*

GRUSCHE (*ao Menino*) — Meio-dia: panela no fogo, barriga vazia! Está na hora da gente comer. Agora vamos ficar sentadinhos aqui na grama, até a Gruschezinha voltar com uma caneca de leite! (*Põe o Menino sentado no chão e bate à porta da cabana; um Velho camponês vem abrir.*) Será que pode me arranjar uma caneca de leite e talvez uma broa de milho, Vovozinho?

VELHO — Leite? Leite não temos. Os senhores soldados, que estão lá na cidade, levaram nossas cabras. Se está querendo leite, vá pedir aos soldados!

GRUSCHE — Mas, Vovozinho, só uma canequinha de leite para uma criança, será que o senhor não arranja?

VELHO — Só por um “Deus-lhe-pague”, não é mesmo?

GRUSCHE — Quem falou em “Deus-lhe-pague”? (*Tira da bolsa.*) Nós aqui pagamos principescamente! A cabeça nas nuvens e o traseiro n’água! (*O Velho, resmungando, traz o leite.*) Quanto é que custa a caneca, também?

VELHO — Três piastras. O leite subiu de preço.

GRUSCHE — Três piastras? Por um pingo de leite? (*Sem dizer palavra, o Velho bate-lhe a porta na cara.*) Miguel, você ouviu? Três piastras! Conosco eles não podem fazer isso. (*Volta, senta-se e dá o seio ao Menino.*) Vamos fazer mais uma tentativa. Sugue bem, Miguel: pense nas três piastras! Não tem nada aí, mas você faz de conta que está engolindo, e já é alguma coisa. (*Abana a cabeça, ao notar que o menino não está mais sugando o seio. Levanta-se e torna a bater à porta.*) Vovozinho, abra a porta: nós pagamos! (*Em voz baixa:*) Aqui se faz, aqui se paga! (*Ao Velho, que abre de novo a porta:*) Pensei que ia custar uma meia piastra, mas o menino precisa comer alguma coisa: Uma piastra, dá?

VELHO — Duas.

GRUSCHE — Não feche a porta de novo! (*Rebusca demoradamente na bolsa.*) Duas: aqui estão! Mas o leite precisa ficar mais barato, ainda temos uma longa caminhada pela frente. Isso é até um pecado: o senhor está enfiando a faca do peçoço da gente!

VELHO — Quando quiser mais leite, mate aqueles soldados.

GRUSCHE (*dá de beber ao Menino*) — Que brincadeira cara! Beba, Miguel: é o salário de meia semana. Esse pessoal pensa que a gente faz dinheiro com o rabo. Miguel, Miguel, em que enrascada eu fui me meter com você! (*Olhando o manto de brocado em que o Menino está enrolado:*) Um manto de mil piastras e nem uma para o leite. (*Olha para o caminho percorrido.*) Lá, por exemplo, naquela carruagem com os fugitivos ricos: lá é que a gente deveria estar.

*Diante de um caravancará, grande abrigo gratuito para caravaneiros.*

*Grusche, enrolada num manto de brocado, com o Menino no colo, dirige-se a duas Damas elegantes.*

GRUSCHE — Ah, as ilustres damas também pretendem passar a noite aqui? É horrível, como todos os lugares estão cheios, e não se arranja nenhum meio de transporte! Meu cochei-

ro resolveu pura e simplesmente voltar do meio do caminho, e eu tive que andar quase um quilômetro a pé. E descalça! Meus sapatos persas: aquelas botinhas, sabem? Mas por que será que não aparece ninguém?

VELHA DAMA — O estalajadeiro gosta de se fazer esperar. Depois que aconteceram certas coisas na capital, acabaram-se as boas maneiras em todo o país.

*Aparece o Estalajadeiro, um homem muito austero, grisalho e de longas barbas, acompanhado de um Criado.*

ESTALAJADEIRO — Queiram perdoar a um homem idoso por fazê-las esperar, ilustres senhoras. Meu netinho me chamou para ver um pessegueiro em flor, lá na ladeira, depois do milharal. Lá nós plantamos árvores frutíferas, duas cerejeiras... Mais para oeste (*faz um gesto mostrando*) o chão é mais pedregoso, e é aonde os camponeses levam as ovelhas para pastar. As senhoras deviam ver as flores daquele pessegueiro: são de uma cor-de-rosa tão bonita!

VELHA DAMA — É muito fértil esta região.

ESTALAJADEIRO — Abençoada por Deus! Como é que estão as árvores lá no Sul? Não é do Sul que as senhoras estão vindo?

JOVEM DAMA — Permita-me dizer que não pude prestar muita atenção à paisagem.

ESTALAJADEIRO (*polidamente*) — Eu compreendo: a poeira... Em nossa estrada o mais aconselhável é andar a passo mais tranqüilo, a não ser que se tenha muita pressa.

VELHA DAMA — Ponha o xale no pescoço, queridinha! A aragem da noite, aqui, parece um pouco fria.

ESTALAJADEIRO — É que ela desce das geleiras do Yanga-Tau, minhas senhoras.

GRUSCHE — É, receio que meu filho se resfrie.

VELHA DAMA — Bem espaçoso, este caravancará! Que tal, se entrássemos?

ESTALAJADEIRO — Oh, as senhoras querem alugar quartos? Mas o caravancará está superlotado, minhas senhoras, e a criadagem toda foi-se embora. Estou desolado, mas não posso aceitar mais ninguém, nem com muito boas referências...

JOVEM DAMA — Mas nós também não podemos passar a noite aqui no meio da estrada.

VELHA DAMA (*em tom seco*) — Quanto é?

ESTALAJADEIRO — Bem, as ilustres senhoras hão de compreender que uma casa como esta, nos dias de hoje, quando tantos fugitivos, naturalmente muito respeitáveis, mas considerados pessoas indesejáveis pelas novas autoridades, andam por aí procurando abrigo, uma casa como esta precisa ter muita cautela, e sendo assim...

VELHA DAMA — Meu caro senhor, nós não somos fugitivas: estamos a caminho da nossa residência de verão, na montanha, e pronto. Não nos passaria jamais pela cabeça a idéia de pedir abrigo, se o nosso caso fosse assim de tanta... necessidade.

ESTALAJADEIRO (*assentindo de cabeça*) — Sem dúvida, quanto a isso. Minha única dúvida é se o pequeno aposento que tenho disponível serve para as senhoras. E por pessoa cobro sessenta piastras. As três estão juntas?

GRUSCHE — De certo modo, sim: eu também preciso de poucada.

JOVEM DAMA — Sessenta piastras? É um assalto!

ESTALAJADEIRO (*friamente*) — Minhas senhoras, não é meu propósito assaltar ninguém, e portanto... (*Dá-lhes as costas, para sair.*)

VELHA DAMA — Quem foi que falou em assalto? Vamos logo! (*Entra, seguida pelo Criado.*)

JOVEM DAMA (*em dúvida*) — Cento e oitenta piastras por um quarto! (*Olha para Grusche.*) Com criança pequena, é impossível: e se começar a fazer manha?

ESTALAJADEIRO — O quarto custa cento e oitenta piastras, seja para duas ou para três pessoas.

JOVEM DAMA (*mudando de tom, a Grusche*) — Por outro lado, eu também não poderia dormir sabendo que a deixaram no meio da estrada, minha querida. Venha conosco, por favor!

*Entram as três no caravanchará. Do outro lado do palco aparece ao fundo o Criado com umas trouxas. Atrás dele vai a Velha Dama, depois a Jovem, e Grusche com o Menino.*

JOVEM DAMA — Cento e oitenta piastras! Nunca fiquei tão irritada, desde o dia em que o meu querido Igor foi tirado à força de casa.

VELHA DAMA — Acha que é hora de falar no Igor?

JOVEM DAMA — Na verdade, somos quatro pessoas: porque o menino também é gente, não é? (*A Grusche.*) A senhora não poderia pagar ao menos a metade do aluguel?

GRUSCHE — Impossível. As senhoras estão vendo, eu tive de sumir às pressas e o Ajudante de Ordens esqueceu de me dar dinheiro suficiente.

VELHA DAMA — A senhora não tem nem sessenta piastras?

GRUSCHE — Depois eu pago.

JOVEM DAMA — E as camas, onde estão?

CRiado — Cama, não tem. Aqui estão os sacos e as cobertas. E as senhoras têm de arrumar tudo sozinhas, dando-se por muito felizes por não estarem no fundo de uma vala, como tantos outros. (*Sai.*)

JOVEM DAMA — Ouviu isso? Vamos imediatamente falar com o estalajadeiro! Esse criado precisa é de umas chibatadas.

VELHA DAMA — Como o seu marido?

JOVEM DAMA — Você é tão cruel! (*Chora.*)

VELHA DAMA — Como é que nós vamos fazer com isto alguma coisa que pareça uma cama?

GRUSCHE — Eu já dou um jeito. (*Põe o Menino sentado no chão.*) A gente aprende a fazer muitas coisas. As senhoras ainda têm a carruagem. (*Limpendo o chão.*) Para mim, foi tudo uma surpresa tola. Antes do almoço, meu marido ainda me disse: “Minha querida Anastácia Katarinówska, vá deitar-se um pouco, você sabe que não custa a pegar uma enxaqueca!” (*Estende os sacos e faz as camas; as duas Damas, vendo-a trabalhar, entreolham-se.*) Eu disse ao Governador: “Geórgi, nós estamos com sessenta convidados para almoçar, e eu não tenho tempo de me deitar, a gente não pode confiar na criadagem e o Miguel Georjivitch não pode passar sem mim”. (*Ao Menino.*) Está vendo, Miguel? Tudo se arranja: é como eu disse a você! (*Percebe, de repente, que as duas Damas a observam curiosamente e cochicham.*) E assim não é mais no chão duro que vamos dormir: eu fiz um forro com os cobertores dobrados.

VELHA DAMA (*autoritária*) — Você faz camas bem demais, querida: deixe ver suas mãos!

GRUSCHE (*assustada*) — Que está querendo dizer?

JOVEM DAMA — Pode mostrar suas mãos a ela.

*Grusche mostra as mãos às Damas.*

JOVEM DAMA (*triumfante*) — Cheia de calos! É da criadagem!

VELHA DAMA (*vai até à porta e grita*) — Atendam aqui!

JOVEM DAMA — Foi apanhada, sua impostora! Vá dizendo o que estava planejando!

GRUSCHE (*desconcertada*) — Eu não estava planejando nada. Pensei que as senhoras talvez nos pudessem dar uma boa

carona em sua carruagem. Por favor, não façam barulho: já estou indo embora!

JOVEM DAMA (*enquanto a Velha Dama continua a chamar gente*) — Você vai, sim, mas é com a polícia. Enquanto ela não chega, você fica. Não me saia daqui!

GRUSCHE — Mas eu ia pagar as sessenta piastras. Podem ver: tenho dinheiro aqui! (*Mostra a bolsa.*) Quatro pratas de dez e uma de cinco, não, mais uma de dez, somam sessenta. Eu só queria botar o menino na carruagem, estou falando a verdade.

JOVEM DAMA — Então queria ir de carruagem? Pois agora acabou-se!

GRUSCHE — Nobre senhora, eu juro: minha origem é pobre, por favor, não chame a polícia! O menino é de alto berço, veja a roupinha dele: é um fugitivo, como as senhoras!

JOVEM DAMA — Está-se vendo que é de alto berço. E o pai é príncipe?

GRUSCHE (*furiosa, à Velha Dama*) — Pare de gritar! Será que não tem coração?

JOVEM DAMA (*à Velha*) — Cuidado, ela é capaz de tudo, é perigosa! Socorro! Assassinos!

CRIADO (*aparecendo*) — Que está havendo aqui?

VELHA DAMA — Essa rapariga enfiou-se aqui, bancando a grande dama: talvez seja uma ladra.

JOVEM DAMA — E das mais perigosas. Queria nos matar. É um caso de polícia. Estou sentindo a minha enxaqueca chegar, ah, meu Deus!

CRIADO — Polícia, no momento, não existe. (*A Grusche:*) Arrume suas coisas, boneca, e desapareça que nem salsicha do armário!

GRUSCHE (*encolerizada, pondo o Menino no colo*) — Seus desumanos! Hei de ver as cabeças de vocês penduradas no muro!

CRIADO (*enxotando-a para fora*) — Cale esse bico! Senão, o patrão vem aí, e com ele não tem meas medidas.

VELHA DAMA (*à Jovem*) — Dê uma espiada, se ela já não furtou alguma coisa!

*Enquanto as Damas, à direita, verificam se nada lhes foi roubado, o Criado e Grusche encaminham-se para a saída, à esquerda.*

CRIADO — Quem vê cara, não vê coração, é o que eu digo a você: de agora em diante, tome cuidado com as pessoas, antes de se abrir com elas.

GRUSCHE — Eu imaginei que, a uma pessoa da mesma classe, elas iriam tratar melhor.

CRIADO — Nem pense uma coisa dessas! Pode crer: não há nada mais difícil do que imitar gente vadia e preguiçosa. Se eles chegam a desconfiar que você é capaz de fazer qualquer coisa, nem que seja balançar o rabo, sozinha, você está perdida. Espere um instante: vou ver se lhe arranjo uma broa de milho e duas ou três maçãs!

GRUSCHE — É melhor não. Prefiro ir andando antes que o estalajadeiro chegue. E se eu for caminhando a noite toda, creio que estarei fora de perigo. (*Sai.*)

CRIADO (*falando baixinho*) — Na primeira encruzilhada, dobre à direita!

*Grusche desaparece.*

CANTOR — Quando Grusche Vachnadze fugiu para o Norte, atrás dela foi a cavalaria do Príncipe Kazbéki.

OS MÚSICOS — Como escapar descalça da cavalaria, dos cães de fila, das armadilhas?

Caçam-na até de noite os seus perseguidores, não conhecem fadiga, e nunca dormem os matadores.

*Dois Cavalarianos passam marchando, pela estrada, sob o comando de um Sargento.*

SARGENTO — Cabeças-Duras, vocês nunca hão de ser nada na vida. Por que? Não põem boa vontade em nada do que fazem. São pequeninos detalhes, que um superior observa. Ainda anteontem, quando eu cuidava daquela gorducha, vocês ficaram tomando conta do homem, como eu mandei, e atravessaram a barriga dele: mas fizeram isso com prazer, como um bom soldado, ou apenas como quem cumpre uma ordem? Pensam que eu não vi, Cabeças-Duras? Vocês são como palhas secas ou como sinos que não tocam: não têm iniciativa. (*Andam um pouco em silêncio.*) Não pensem que não estou vendo como, a todo momento, vocês se mostram insubordinados. Já lhes disse para não capengarem, mas vocês teimam agora, só porque eu vendi os cavalos por um preço que nunca mais havia de encontrar. Vocês capengam para me darem a entender que não gostam de andar a pé: sei como vocês são. Mas isso não lhes adianta nada, é pena. Vamos cantar!

OS DOIS CAVALARIANOS — Vou à guerra, por sombria estrada, em casa deixando minha amada. Dela os meus amigos vão cuidar, enquanto da guerra eu não voltar.

SARGENTO — Mais alto!

OS DOIS CAVALARIANOS — Se no cemitério eu for parar, ela há de dizer, com a pá de cal: “Aqui jazem pés que me buscavam e braços que tanto me abraçavam.”

*Caminham mais um pedaço em silêncio.*

SARGENTO — Um bom soldado empenha-se de corpo e alma. Para cumprir uma ordem, ele se deixa fazer em pedaços. E até com os olhos furados, ainda vê o sinal de aprovação

que o sargento dele está fazendo. E só essa recompensa já é bastante, nada mais desejando. Mas pelo meu sinal de aprovação, vocês podem esperar sentados. Deus do Céu, como é que eu vou, com uns paus-mandados destes, encontrar o filhote do Governador? Isso é o que eu gostaria de saber.

*Os três vão passando e desaparecem.*

CANTOR — Quando Grusche Vachnadze chegou ao rio Sirra, já o menino pesava e era duro fugir.

OS MÚSICOS — A aurora cor-de-rosa sobre os milharais, para quem não dormiu, é até fria demais. Tinem latas de leite nas granjas, das quais sobe a fumaça, com ameaças infernais para quem foge. E quem com o menino vai, só sente o peso dele e quase nada mais.

*Grusche pára diante de uma granja.*

GRUSCHE — Você agora se molhou de novo, e sabe muito bem que não tenho mais fraldas secas para mudar. Miguel, nós vamos nos separar. Já estamos muito longe da cidade, e eles não vão se dar ao trabalho de vir até aqui por causa de um pingo de gente como você. A dona da casa deve ser boazinha, e aqui tem pelo menos o cheiro do leite. Então, Miguelzinho, adeus! Logo me esquecerei dos chutes que você me deu nas costas, a noite inteira, para me fazer andar mais depressa; e você também esqueça a pouca comida que teve, mas dada de muito boa vontade. Bem que eu gostaria de ficar com você mais um pouco, porque o seu narizinho é tão pequenino, mas não há outro jeito. Eu gostaria de poder mostrar a você o primeiro coelhinho e ensinar você a não se molhar mais... Mas está na hora de voltar para casa, porque meu namorado, o soldado, já deve estar de volta, e o que é que ele vai dizer se não me encontrar lá? Isso também, Miguel, você não pode exigir de mim.

*Uma Camponesa gorda chega à porta com uma lata de leite. Grusche espera que ela entre em casa, depois vai até lá perto.*

*cautelosamente. Esgueira-se junto à porta e depõe o Menino no limiar. Depois fica esperando, escondida atrás de uma árvore, até a Camponesa aparecer de novo na porta e achar o Menino.*

CAMPONESA — Meu Jesus Cristo, o que é isto? Marido!

CAMPONÊS (*aparecendo*) — Que foi? Nem posso tomar minha sopa?

CAMPONESA (*ao Menino*) — Onde está sua mãezinha? Você não tem mãe? Acho que é um menino. E a roupa dele é fina: deve ser filho de gente importante. Como é que deixam assim, na porta da gente? Ah, que tempo o de hoje!

CAMPONÊS — Se estão pensando que ele vai comer aqui, estão muito enganados. Você vai levar esse menino para o padre, lá na aldeia, e está acabado!

CAMPONESA — O que é que o padre vai fazer com ele? É de uma mãe que ele está precisando. Veja só: está acordando! Então não acha que podemos ficar com ele?

CAMPONÊS (*gritando*) — Não!

CAMPONESA — Eu podia deixá-lo ali no canto, pertinho da poltrona... Só precisa de um cesto; quando for para o campo, eu o levo comigo. Olhe só, como ele ri! Marido, nós temos um teto para nos abrigar, e podemos ficar com o menino. Não quero saber de mais nada!

*A Camponesa leva o Menino para dentro de casa, e o Camponês vai atrás, protestando. Grusche sai de trás da árvore, dá uma risada, e sai correndo na direção oposta.*

CANTOR — Por que toda essa alegria, moça que vai para casa?

OS MÚSICOS — Porque o desamparado, só por saber sorrir, arranjou novos pais — daí minha alegria: fiquei livre do fardo a que tão bem queria.

CANTOR — E por que tanta tristeza?

OS MÚSICOS — Fiquei livre, mas triste como quem foi roubada e assim ficou sem nada.

*Mal acaba de dar alguns passos, Grusche depara com os dois Cavalarianos, que lhe apontam as alabardas. O Sargento vem junto.*

SARGENTO — Rapariga, está diante das Forças Armadas. De onde veio? Quando veio? Tem alguma ligação não permitida com o inimigo? Onde está o inimigo? Que manobras ele faz nas suas costas? Que é que eles aprontando nas colinas, nos vales? O que é que eles trazem nas meias?

*Grusche continua de pé, assustadíssima.*

GRUSCHE — Eles estão muito fortificados, era melhor vocês terem em retirada.

SARGENTO — Estou sempre batendo em retirada, e isso eu faço na certa. Por que olhando tanto para as alabardas? “O soldado em campanha nunca abandona sua alabarda”, é o que manda o Regulamento e vocês sabem muito bem, Cabeças-Duras. E então, rapariga, qual é o seu rumo?

GRUSCHE — Vou ver meu noivo, senhor Sargento: um tal de Simon Chachava, da guarda palaciana em Nukha. Se ele souber, quebra os ossos de vocês todos!

SARGENTO — Simon Chachava, sim, eu sei quem é. Ele até me deu a chave, para eu ir de vez em quando visitar você. Cabeças-Duras, nós perdemos o cartaz! Precisamos, daqui por diante, mostrar que as nossas intenções são boas. Moça, por trás desta aparência brincalhona, eu sou de natureza muito séria, e uma coisa lhe digo oficialmente: desejo ter um filho com você.

*Grusche dá um pequeno grito.*

SARGENTO — Cabeças-Duras, ela já compreendeu. Que medonho delicioso, vocês não acham? “Senhor Oficial, antes eu preciso tirar a massa do forno, depois preciso mudar minha camisola rasgada, senhor Comandante!” — Deixemos de brincadeiras, rapariga, deixemos de brincadeiras: estamos

neste lugar à procura de um certo menino. Você não ouviu falar de nenhum menino aparecido por aqui com roupas finas, vindo da cidade?

GRUSCHE — Não sei de nada.

CANTOR — Corra, menina: os matadores vêm aí!  
Ampare ao desamparado,  
você que não tem amparo!  
E foi assim que ela fez.

*Grusche volta-se de repente e sai correndo, tomada de pânico. Os Cavalarianos entreolham-se e vão atrás dela, praguejando.*

OS MÚSICOS — Sempre nas horas de maior perigo  
é que se vê o verdadeiro amigo.

*Na granja, a Camponesa gorda está curvada sobre o cesto do Menino, quando Grusche entra correndo.*

GRUSCHE — Depressa, esconda o menino! Os Cavalarianos vêm aí. O que eu deixei na sua porta não é meu: é filho de gente muito importante!

CAMPONESA — Vêm aí, quem? Que Cavalarianos?

GRUSCHE — Não faça perguntas, não perca tempo: esse é o menino que eles estão procurando.

CAMPONESA — Em minha casa eles não têm nada que procurar. Mas com você quero ter uma conversinha!

GRUSCHE — Tire as roupas finas dele: podem nos comprometer!

CAMPONESA — Roupas finas para cá, roupas finas para lá... Mas nesta casa quem manda sou eu, e não venha cuspir na minha sala! Por que foi que você abandonou o menino? Isso é um grande pecado!

GRUSCHE (*olhando para fora*) — Eles estão ali atrás das árvores. Eu não devia ter corrido: acho que ficaram zangados. E agora, como é que eu faço?

CAMPONESA (*espia rapidamente para fora e fica estarrecida*) — Jesus, Maria! Os Cavalarianos!

GRUSCHE — Eles estão procurando o menino.

CAMPONESA — E se invadirem a casa?

GRUSCHE — Não é preciso a senhora entregar: diga que ele é seu filho!

CAMPONESA — Pois sim!

GRUSCHE — Se a senhora entregar, vão atravessá-lo com as alabardas.

CAMPONESA — E se fizerem questão de levá-lo? Todo o di-nheiro da colheita está aqui em casa...

GRUSCHE — Se a senhora entregar, vão fazer picadinho dele, aqui no meio da sua sala. O único jeito é dizer que é seu filho.

CAMPONESA — Sim, e se eles não acreditarem?

GRUSCHE — Tem de falar com convicção...

CAMPONESA — Vão pôr fogo no teto sobre as nossas cabeças.

GRUSCHE — Por isso, é melhor dizer que o filho é seu. O nome dele é Miguel. Não sei se fiz bem em lhe contar isso.

*A Camponesa faz que sim, com um sinal de cabeça.*

GRUSCHE — Não adianta dizer sim com a cabeça. Nem tremer tanto, que eu daqui estou vendo.

CAMPONESA — Está bem.

GRUSCHE — Já que está bem, vamos parar com isso. (*Saco-de-a.*) A senhora não tem filhos?

CAMPONESA (*murmurando*) — Um, na guerra.



GRUSCHE — Talvez até seja um dos Cavalarianos. Será um desses que estripam crianças? A senhora vai ter de falar firme com ele: "Nada de confusão com alabardas aqui na minha sala! Foi para isso que eu te criei? Vê se dobra essa língua, quando fala com sua mãe!"

CAMPONESA — É verdade, comigo ele não pode.

GRUSCHE — A senhora me promete dizer que o filho é seu?

CAMPONESA — Prometo.

GRUSCHE — Eles estão chegando.

*Batem à porta. As duas mulheres não respondem. Entram os Cavalarianos. A Camponesa inclina-se numa profunda saudação.*

SARGENTO — Aqui está ela! O que foi que eu disse? É o meu faro: descobri logo. Tenho uma perguntinha a lhe fazer, moça: por que fugiu de mim? Pensou que eu queria alguma coisa de você? Aposto que era alguma coisa feia... Vamos, diga!

GRUSCHE (*enquanto a Camponesa continua a fazer curvaturas intermináveis*) — Eu tinha deixado o leite no fogo e de repente me lembrei.

SARGENTO — Pensei que fosse por imaginar que eu a estava olhando com más intenções. Como se eu fosse capaz de conceber uma coisa dessas entre nós. Um olharzinho um tanto sensual, está percebendo?

GRUSCHE — Isso eu não percebi.

SARGENTO — Mas até que podia acontecer, não podia? Vamos, confesse! Eu podia muito bem ser um porco... Vou ser franco com você: eu podia imaginar uma porção de coisas, se estivéssemos os dois sozinhos. (*A Camponesa:*) Não tem nada que fazer lá fora? Dar comida às galinhas?

CAMPONESA (*caindo subitamente de joelhos*) — Senhor Soldado, eu não estava sabendo de nada. Não ponha fogo em nossa pobre casa!

SARGENTO — Que está dizendo?

CAMPONESA — Eu não tenho nada a ver com isso, senhor Soldado: foi ela que deixou na minha porta, eu juro!

SARGENTO (*avista o Menino e solta um assobio*) — Ah, o pequenino está naquele cesto, Cabeças-Duras: as mil piastras são minhas! Arrastem a velha lá para trás e amarrem bem: tenha a impressão de que vai haver um interrogatório.

*A Camponesa deixa-se levar em silêncio pelos subalternos.*

SARGENTO — A senhora está com um menino que eu preciso tirar das suas mãos. (*Dirige-se para onde está o cesto.*)

GRUSCHE — Senhor Oficial, esse aí é meu filho. Não é o que o senhor anda procurando.

SARGENTO — Quero ver com meus olhos. (*Inclina-se sobre o cesto.*)

*Grusche olha desesperadamente em redor.*

GRUSCHE — É meu filho, é meu filho!

SARGENTO — Roupinhas finas...

*Grusche atrai-se em cima do Sargento, querendo tirar-lhe o Menino. Ele repele-a e volta a inclinar-se sobre o cesto. Ela corre os olhos em torno, em desespero, vê uma acha de lenha, levanta-a e dá uma pancada na cabeça do Sargento, que desaba no chão. Ela apanha o Menino rapidamente e sai correndo.*

CANTOR — E assim, fugindo aos Cavalarianos, depois de andar por mais vinte e dois dias, ao pé da geleira de Yanga-Tau, Grusche Vachnadze adotou o Menino.

Os Músicos — Ela, que não tinha amparo, adotou o desamparado.

*Grusche Vachnadze, agachada à beira de um riacho meio congelado, apanha água na concha da mão desocupada e asperge-a sobre o Menino.*

GRUSCHE (*cantando*) — Ninguém quis cuidar de ti e eu tive que te cuidar; tu, sem teres mais ninguém, por maus dias de um mau ano tiveste que me aturar.

Te ensinei com paciência, até sair sangue dos pés, porque o leite era tão caro... E comecei a te amar.  
(Ah, nunca mais te deixar!)

Te dispo a camisa fina, te enrolo num pano velho, e te lavo e te batizo na água branca da geleira.  
(É uma bênção verdadeira!)

*Grusche tira as roupas finas do Menino e enrola-o num pedaço de pano velho.*

CANTOR — Quando Grusche Vachnadze, fugindo da Cavalaria, chegou à passarela da aldeia, na encosta de leste, cantando a “Canção da Ponte Podre”, arriscava duas vidas.

*Sopra um vento. Na penumbra do crepúsculo, ergue-se a passarela. Um dos cabos está arrebentado e meio pendente sobre o abismo. Dois Homens e uma Mulher, mercadores, estão indecisos diante da passarela, quando aparece Grusche com o Menino. Enquanto isso, um dos Homens, com uma vara, tenta puxar o cabo pendente.*

HOMEM 1 — Tem tempo, senhorita: não vai atravessar por essa passarela...

GRUSCHE — Mas eu preciso atravessar com o menino para o lado de lá: meu irmão está esperando!

MULHER — “Preciso”: que quer dizer “preciso”? Eu também preciso atravessar, porque preciso comprar dois tapetes em Atum, e um eu preciso vender, porque o marido dela precisou morrer, minha santa! Mas eu posso fazer o que preciso? E ela também pode? Andrei já está há duas horas tentando pegar aquele cabo, e, se ele conseguir, como vamos fazer para amarrá-lo? É o que eu me pergunto.

HOMEM 1 (*pondo-se à escuta*) — Façam silêncio! Parece que escutei alguma coisa.

GRUSCHE (*em voz alta*) — Podre é que a passarela não está, e eu vou atravessar!

MULHER — Eu não faria uma coisa dessas, nem que estivesse com o Diabo atrás de mim. Por que? Porque é suicídio!

HOMEM 1 (*chamando a altos brados*) — Olá!

GRUSCHE — Não grite! (*À Mercadora:*) Fale com ele para não gritar!

HOMEM 1 — É lá para baixo, que eu estou gritando: talvez alguém se tenha perdido.

MULHER — E por que não havia de gritar! Há alguma coisa errada com você? Será que andam à sua procura?

GRUSCHE — Tenho uma coisa a dizer a vocês: os Cavalarianos andam atrás de mim, porque eu matei um deles.

HOMEM 2 — Levem as mercadorias para longe daqui!

*A Mulher esconde uma saca atrás de uma pedra.*

HOMEM 1 — Por que não disse isso antes? (*Aos outros:*) Se eles pegarem a moça, vão fazer picadinho dela.

GRUSCHE — Me ponham na passarela: preciso atravessar!

HOMEM 2 — Isso, não pode: são setecentos metros de altura!

HOMEM 1 — Mesmo que se conseguisse pegar a corda, seria uma loucura. A gente poderia agüentar a corda com as mãos, mas os Cavalarianos seriam capazes de fazer a mesma coisa e atravessar também.

GRUSCHE — Saiam da minha frente!

*Gritos de alguém chamando na distância: "Olá, vocês aí em cima!"*

MULHER — Eles já vêm aí perto. Mas você não pode atravessar a passarela com essa criança: ela não vai suportar o peso. E dê uma olhadinha lá para baixo!

*Grusche olha para o abismo. Lá de baixo fazem-se ouvir novos chamados dos Cavalarianos.*

HOMEM 2 — Setecentos metros.

GRUSCHE — Mas os Cavalarianos ainda são piores!

HOMEM 1 — Com a criança é que não pode ir. Se andam à sua procura, arrisque sua vida, mas não a do menino.

HOMEM 2 — Com o menino, o peso é muito maior.

MULHER — Talvez precise mesmo atravessar. Deixe o menino comigo, que eu tomo conta, e vá sozinha pela passarela.

GRUSCHE — Isso eu não posso: nós nunca nos separamos. (*Canta:*)

É fundo o despenhadeiro  
e a ponte é frágil, filhinho,  
mas não foi nenhum de nós  
que escolheu este caminho.

Vamos pois continuar,  
que é o melhor para você.  
Tenho pão para lhe dar  
e é o que você vai comer.

Vamos reparti-lo em quatro  
pedaços, e três são seus:  
sejam grandes ou pequenos,  
vamos dar graças a Deus!

GRUSCHE — Agora vou experimentar!

MULHER — É um desafio aos desígnios de Deus.

*Ouvem-se gritos que chamam de baixo.*

GRUSCHE — Só peço mais uma coisa a vocês: joguem fora essa vara, senão eles puxam a corda e vão atrás de mim!

*Grusche põe o pé na passarela oscilante e a Mulher solta um grito quando ela parece que vai romper-se, mas Grusche continua avançando e alcança a terra firme do outro lado.*

HOMEM 1 — Ela passou!

MULHER (*que caíra de joelhos rezando, e agora se encolerizava*) — Passou, mas em pecado!

*Irrompem os Cavalarianos, o Sargento com uma bandagem na cabeça.*

SARGENTO — Viram por aqui um rapariga com um menino?

HOMEM 1 (*enquanto o Homem 2 joga a vara no despenhadeiro*) — Vimos, sim. Lá está ela! E a passarela não agüenta o peso de vocês.

SARGENTO — Cabeças-Duras, vocês me pagam!

*Grusche, do outro lado, ri e mostra os Cavalarianos ao Menino; depois vai-se embora, deixando para trás a passarela. Vento.*

GRUSCHE (*olhando para Miguel*) — Do vento, você não precisa ter medo: ele só uiva, assim, como um cachorro triste. Só o que ele faz é ir empurrando as nuvens, e às vezes fica um pouquinho frio.

*Começa a cair neve.*

GRUSCHE — E a neve, Miguel, não é tão má também: ela é que cobre os pinheiros pequenos, para eles não morrerem no inverno. E agora vou cantar uma canção para você, preste bem atenção! (*Canta:*)

Teu pai é ladrão,  
tua mãe não presta,  
mas diante de ti se curvará  
muita gente honesta.

Vai dar milho aos potros  
o filho da onça,  
e o filho da serpente vai dar leite  
para muitas mães.

#### 4

#### NAS MONTANHAS DO NORTE

CANTOR — Sete dias sem rumo a moça andou,  
pelas geleiras e vales andou.  
“Se achar a casa do mano, — pensou —  
ele vai levantar-se e me abraçar:  
— Irmã, você aqui? — vai perguntar.  
— Estão há tanto tempo à sua espera!  
Aqui minha mulher e aqui a casa  
que nós ganhamos quando nos casamos.  
Traga seu filho para a mesa e coma!”  
O irmão morava numa linda várzea.  
Estava exausta, ela, quando chegou.  
E da mesa o irmão se levantou.

*Um gordo casal de camponeses acaba de sentar-se à mesa: Laurenti Vachnadze já está de guardanapo no pescoço quando Grusche, amparada por um Peão, e muito pálida, entra com o Menino.*

LAURENTI — Grusche, de onde você veio?

GRUSCHE (*fraca*) — Atravessei a passagem de Yanga-Tau, Laurenti...

PEÃO — Eu a encontrei caída em frente ao celeiro. Tinha um menino com ela.

CUNHADA — Vá escovar o cavalo baixo! (*Sai o Peão.*)

LAURENTI — Esta é Aniko, minha mulher.

CUNHADA — Pensamos que você estivesse empregada em Nukha.

GRUSCHE (*que mal consegue manter-se em pé*) — Era lá que eu estava.

CUNHADA — Não era um bom emprego? Pensávamos que fosse dos melhores.

GRUSCHE — O Governador foi assassinado.

LAURENTI — É, parece que deu alteração. Sua tia também nos disse isso, você se lembra, Aniko?

CUNHADA — Aqui conosco é uma tranquilidade. O pessoal que mora na cidade está sempre fazendo agitação. (*Vai até à porta e chama:*) Sossa, não tire o bolo do forno ainda não, está me ouvindo? Sossa, onde foi que você se meteu? (*Sai gritando.*)

LAURENTI (*apressado, em voz baixa*) — Esse menino tem pai? (*Enquanto Grusche balança negativamente a cabeça:*) Eu já sabia! Precisamos dar um jeito. Aniko é muito religiosa.

CUNHADA (*voltando*) — Ah, essas criadas! (*A Grusche:*) Você trouxe uma criança?

GRUSCHE — É meu filho. (*Tem um desmaio, Laurenti reanima-a.*)

CUNHADA — Jesus, Maria, José! Ela está doente, o que é que a gente vai fazer?

Laurenti faz menção de levar Grusche para o banco da lareira, mas Aniko faz um sinal significativo, indicando um saco perto da parede.

LAURENTI (*levando Grusche para perto da parede*) — Sente. Fique sentada aqui. Foi só uma fraqueza.

CUNHADA — Se não for escarlatina!

LAURENTI — Ela estaria coberta de manchas. É fraqueza, Aniko, pode ficar descansada. (*A Grusche:*) Sentada é melhor, não é?

CUNHADA — Então o menino é seu?

GRUSCHE — É meu.

LAURENTI — Ela vai encontrar-se com o marido.

CUNHADA — Ah, bom... Laurenti, a carne vai esfriar! (*Laurenti senta-se e começa a comer.*) Comida fria não lhe faz bem: a gordura não deve ser comida fria. Você tem o estômago fraco, está cansado de saber disso. (*A Grusche:*) Se o seu marido não está na cidade, onde será que ele está?

LAURENTI — Ela disse que se casou do outro lado da montanha.

CUNHADA — Se é assim, do outro lado da montanha... (*Senta-se para comer também.*)

GRUSCHE — Laurenti, acho que você vai ter de me levar para algum lugar...

CUNHADA (*mais inquisitorial*) — Se for a febre, nós todos vamos pegar! Seu marido tem granja?

GRUSCHE — Ele é soldado.

LAURENTI — Mas tem a granja do pai dele, sim, uma granjinha.

CUNHADA — Mas ele não está na guerra, então?

GRUSCHE (*com dificuldade*) — Está na guerra, sim.

CUNHADA — E você vai fazer o quê, na granja?

LAURENTI — Quando voltar da guerra, é para lá que ele vai.

CUNHADA — E você vai ficar lá, desde agora?

LAURENTI — Vai esperar por ele.

CUNHADA (*dá um grito agudo*) — Sossa, olhe o bolo!

GRUSCHE (*no delírio da febre*) — Granja... Soldado... Esperar... Sente-se... Coma...

CUNHADA — É escarlatina!

GRUSCHE (*pondo-se de pé*) — É isto mesmo: ele tem uma granja.

LAURENTI — Aniko, eu acho que é uma crise de fraqueza. Você não quer ir dar uma olhada no bolo, meu bem.

CUNHADA — Mas quando é que o seu marido vai voltar, se o que se diz é que a guerra está apenas começando? (*Vai correndo e gritando para o fundo da cena:*) Sossa, onde foi que você se meteu? Sossa!

LAURENTI (*levanta-se rápido e vai aonde está Grusche*) — Daqui a pouco você vai ter uma cama no quarto. Ela é uma boa alma, mas só depois de comer.

GRUSCHE (*estende-lhe o Menino*) — Pegue!

LAURENTI (*pegando o Menino e espiando em redor*) — Só não podem ficar por muito tempo: ela é muito religiosa, você sabe.

*Grusche desmaia de novo, e o irmão torna a levantá-la.*

CANTOR — A moça estava bem doente, mesmo.  
O irmão poltrão teve de dar-lhe abrigo.  
O outono foi passando, veio o inverno:  
inverno tão longo, tão curto inverno.  
Ninguém também precisava saber,  
os ratos não precisavam roer,  
nem precisava vir a primavera.

*Grusche está no quarto de despejo, junto ao tear. Ela e o Menino, agachados no chão, estão enrolados em cobertores. Grusche tece e canta.*

GRUSCHE (cantando) — Amado meu, amado meu,  
agora que vais para a guerra  
e vais lutar contra o inimigo,  
não fiques muito na linha de frente,  
nem fiques muito nas linhas de trás:  
na frente vermelho é o fogo,  
atrás vermelha é a fumaça.  
Vê se te encaixas nas linhas do meio,  
talvez à sombra do porta-bandeira.  
Morrem os da frente,  
morrem os de trás;  
os do meio é que voltam para casa.

GRUSCHE — Miguel, nós precisamos ser espertos! Se ficarmos aqui quietinhos que nem baratas, a cunhada é capaz de esquecer que tem gente em casa. E assim podemos ficar por aqui até que o inverno passe e a neve se derreta. Também não chore por causa do frio: ser pobre e não gostar de sentir frio é uma antipatia.

*Entra Laurenti e senta-se perto de Grusche, sua irmã.*

LAURENTI — Por que é que estão aí tão encolhidos, que nem cocheiros? Será que o quarto é frio demais?

GRUSCHE (tirando depressa o xale) — Laurenti, aqui não faz frio nenhum.

LAURENTI — Se fosse frio demais, você e o menino não deveriam ficar aí sentados: Aniko jamais se perdoaria. (Pausa.) Espero que o sacerdote não tenha feito a você nenhuma pergunta a respeito do menino. . .

GRUSCHE — Ele bem que perguntou, mas eu não disse nada.

LAURENTI — Fez bem. Eu gostaria de falar de Aniko: é uma boa alma, só que é muito, muito sensível. As pessoas não precisam ficar falando da casa, porque ela fica logo apovada. Tudo ela sente tão profundamente, você nem imagina. Uma vez a empregada do curral apareceu na igreja com um furo na meia; desde esse dia, a minha querida Aniko só vai à igreja com dois pares de meias. É incrível, mas as famílias de antigamente eram assim. (Põe-se à escuta.) Você tem certeza de não haver ratos por aqui? Se houvesse, vocês aqui não poderiam ficar. (Ouvem-se pingos d'água a cair do teto.) É uma goteira?

GRUSCHE — Deve ser algum tonel mal fechado.

LAURENTI — É isto mesmo: deve ser algum tonel. . . Já faz meio ano que você está aqui, não faz? Mas eu estava falando de Aniko. É claro que não disse nada a ela sobre os Cavalarianos, porque ela tem o coração muito fraco. Ela não sabe que você não pode ir procurar outro lugar, daí os comentários dela ontem. (Ouvem-se de novo os pingos d'água caindo.) Você poderia imaginar que ela se preocupasse com o seu soldado? Ela me perguntou: "E se ele voltar e não a encontrar lá?" — e passou a noite acordada. Eu explico a ela: "Ele só volta com a primavera". — Ela é muito boazinha. (Os pingos vão caindo mais depressa.) Quando você acha que ele vai voltar? Faz alguma idéia? (Grusche não responde.) Antes da primavera é que não vai, você também não acha? (Grusche continua em silêncio.) Estou vendo que nem você acredita mais que ele volte. . . (Grusche não diz nada.) Mas quando chegar a primavera e a neve derreter, aqui e nos desfiladeiros, você não vai poder mais ficar, porque podem aparecer os que andam à sua procura e todo mundo vai fofocar sobre um menino sem pai. . .

*O barulho dos pingos que caem do teto é agora forte e contínuo.*

GRUSCHE — E.

LAURENTI (*solicito*) — Deixe eu dizer o que vamos fazer. Você precisa de um lugar para onde ir, e, como tem o menino (*suspira*), vai precisar também de um marido, para o pessoal não ficar falando. Eu me dei ao trabalho de procurar, com todo o cuidado, um marido bem de acordo com a situação, e achei um, Grusche! Conversei com uma senhora que tem um filho, exatamente do outro lado da montanha, e uma granjinha, já está tudo combinado. . .

GRUSCHE — Mas eu não posso casar com homem nenhum: estou comprometida com Simon Chachava.

LAURENTI — Eu sei. Mas pensei em tudo. Você não precisa agora de outro marido na sua cama, é só no papel. E o que arranjei foi um marido assim: o filho da tal senhora, com quem eu conversei, está nas últimas. Não é formidável? Já está dando o último suspiro. E tudo direitinho como nós havíamos afirmado: “um marido do outro lado da montanha”! Assim que você chegar lá, ele dá o último suspiro e você fica viúva. Que tal?

GRUSCHE — Eu só preciso de papel com estampilha por causa do Miguel.

LAURENTI — Um carimbo e uma estampilha, e está tudo resolvido! Sem isso, nem o Xá da Pérsia pode provar que é o Xá. E você vai ter onde morar.

GRUSCHE — Quanto é que a tal senhora leva nisso?

LAURENTI — Quatrocentas piastras.

GRUSCHE — E onde foi que você arranjou tanto dinheiro?

LAURENTI (*com a consciência pesada*) — Aniko Milchgeld.

GRUSCHE — Lá ninguém sabe quem nós somos. . . Eu aceito!

LAURENTI (*levantando-se*) — Vou já correndo levar a notícia à tal camponesa. (*Sai às pressas.*)

GRUSCHE — Miguel, você me arranja cada uma! Acabo sendo para você como o pé de pera é para o pardal. E tudo porque uma boa cristã não pode deixar de se abaixar e apanhar uns pedaços de pão, para que nada se perca. Miguel, naquele domingo de Páscoa, em Nukha, a melhor coisa que eu poderia ter feito era dar o fora o mais depressa possível. Agora estou aqui, feito uma boba.

CANTOR — O noivo estava morrendo,  
quando a noiva apareceu.

Esperando à porta, a sogra  
bem depressa a fez entrar.

A noiva trazia um filho, que durante o casamento  
foi escondido pelas testemunhas.

*Um cômodo dividido em dois por um tabique. De um lado, uma cama; atrás de um mosquitoireto está deitado, rígido, um homem muito doente. Pelo outro lado entra a Sogra, trazendo Grusche pela mão. Atrás delas, Laurenti com o Menino.*

SOGRA — Depressa, depressa, senão ele vai cair duro das nossas mãos antes da cerimônia! (*A Laurenti:*) Mas o senhor não me disse que ela já tinha uma criança: isso não estava combinado.

LAURENTI — Que diferença faz? (*Referindo-se ao agonizante:*) Para ele tanto faz, no estado em que está.

SOGRA — Ele, talvez. Mas eu é que não vou poder suportar essa vergonha: nós somos gente honesta. (*Começa a chorar.*) O meu Yussuf não há de ser casado com uma mulher que já tem criança.

LAURENTI — Está bem: dou mais duzentas piastras. Que a granja volta a ser da senhora depois, está escrito no contrato; mas minha irmã tem o direito de morar pelo menos dois anos aqui.

SOGRA (*enxugando as lágrimas*) — O dinheiro mal dá para as despesas do enterro. Espero que ela também me possa dar uma mãozinha no trabalho. E agora, aonde foi o monge? Ele ficou de bater na janela da cozinha. O povoado inteiro vai cair em cima da gente, se souber que Yussuf está nas últimas, aí meu Deus! Vou ver se acho o monge, mas a criança ele não pode ver!

LAURENTI — Eu tomo cuidado para ele não ver o menino... Mas por que um monge e não um padre?

SOGRA — É tudo a mesma coisa. Fiz mal em pagar a ele a metade dos honorários antes da cerimônia: agora deve estar no botequim. Minha esperança... (*Sai correndo.*)

LAURENTI — Ela é sovina: achou que um padre ia sair muito caro e preferiu chamar um monge, para pagar menos.

GRUSCHE — Diga ao Simon Chachava para vir aqui em cima, assim que ele aparecer.

LAURENTI — Vou dizer. (*Referindo-se ao doente:*) Não quer dar uma espiada nele?

*Grusche, de novo com Miguel no colo, abana a cabeça negativamente.*

LAURENTI — Ele nem se mexe. Tomara que não tenhamos chegado tarde demais.

*Laurenti e Grusche põem-se à escuta. Do outro lado, entram vizinhos que olham em redor e colocam-se junto às paredes, começando a murmurar orações em voz baixa. Entra a Sogra com o Monge.*

SOGRA (*depois de uma olhadela significativa ao Monge*) — Já estamos todos. (*Inclina-se em cumprimento aos Convidados.*) Por favor, tenham paciência, é só um instantinho! A noiva do meu filho veio da cidade e a cerimônia vai ser muito simples, além de urgente. (*Entra com o Monge no quarto de dormir:*) Pensei que estivesse perdido por aí!

(*A Grusche:*) A cerimônia pode ser resolvida num instante. Os documentos estão aqui. Eu e o irmão da noiva... (*Depois de tirar Miguel do colo de Grusche, Laurenti procura passar despercebido ao fundo. A Sogra faz sinal para ele sair.*) Eu e o irmão da noiva somos as testemunhas.

*Grusche inclina-se diante do Monge. Vão os três para junto da cama. A Sogra abre o mosquito. O Monge começa a rezar em latim o texto cerimonial. Entrementes Laurenti aparece com o Menino para ver a cerimônia, dando a entender que é para o Menino não chorar, mas a Sogra lhe acena inflexível para levar o Menino para longe. Em dado momento, Grusche procura pelo Menino com os olhos e Laurenti lhe faz sinais com a mãozinha de Miguel.*

MONGE — Tu aceitas por marido este homem, e prometes ser para ele uma esposa fiel, dedicada e boa, permanecendo ao lado dele até que a morte vos separe?

GRUSCHE (*piscando o olho para o Menino*) — Sim.

MONGE (*ao Agonizante*) — E tu aceitas por esposa esta mulher, e prometes ser para ela um marido fiel, dedicado e bom, permanecendo ao lado dela até que a morte vos separe?

*Como o Agonizante não responde, o Monge repete a pergunta e olha em redor.*

SOGRA — Aceita, sim. Não escutou o "sim" que ele respondeu?

MONGE — Assim, eu vos declaro marido e mulher, unidos pelo sacramento do matrimônio!... E agora vamos à extrema-unção?

SOGRA — Nada disso! O casamento já custou muito dinheiro. E agora eu tenho que atender aos convidados. (*A Laurenti:*) Não foi setecentos, que combinamos?

LAURENTI — Seiscentos! (*Conta o dinheiro.*) Não vou ficar aqui com os convidados, para entrar em contato não sei com que espécie de gente. Então, Grusche, até à vista! E



quando minha irmã, enviuvando, quiser me visitar, há de receber as boas-vindas de minha mulher, senão quem vai se zangar sou eu!

*Sai Laurenti, passando pelos Convidados que o olham com indiferença.*

MONGE — Pode-se saber que criança é essa?

SOGRA — Criança? Não vejo aqui nenhuma criança. E você também não está vendo nenhuma, entendeu? Ou vai querer que eu também tenha visto umas certas coisas nos fundos do botequim? (*Aos Convidados:*) Façam o favor de entrar!

*Passam todos ao quarto, depois que Grusche pegou de novo o Menino e o repôs no chão. Ela é então apresentada aos vizinhos.*

SOGRA — Esta é minha nora. Felizmente chegou a tempo de rever o nosso querido Yussuf ainda com vida.

CONVIDADA 1 — Já faz um ano que ele caiu de cama, não faz? Quando o meu Vassili foi recrutado, ele ainda estava conosco para as despedidas.

CONVIDADA 2 — É uma coisa horrível, para uma granja, quando o milho está em espiga nos pés e o graneiro está de cama. Seria um alívio para ele, se o sofrimento não se prolongasse mais. Penso eu.

CONVIDADA 1 (*confidencialmente*) — A princípio imaginamos que ele fingia estar de cama para fugir ao serviço militar, a senhora compreende. E agora está ele aí, nas últimas!

SOGRA — Façam o favor de sentar-se e comer uns bolinhos. . .

*A Sogra faz sinal a Grusche, e as duas passam para o quarto de dormir, onde apanham no chão alguns pratos com bolinhos. Os Convidados, entre eles o Monge, sentam-se no chão e começam a conversar em surdina.*

CONVIDADO 1 (*a quem o Monge passa uma garrafa que trazia embaixo da batina*) — O senhor diz que existe uma criança? Como é que o Yussuf foi fazer isso?

CONVIDADA 3 — Ela pelo menos teve a sorte de chegar a tempo de se casar, a estado em que ele estava.

SOGRA — Já estão começando a fofocar, enquanto comem os bolinhos do velório; se ele não morrer hoje, amanhã vou ter de fazer mais bolos.

GRUSCHE — Eu faço.

SOGRA — Ontem, quando os Cavalarianos passaram por aqui, e eu saí um bocadinho para ver o que era, voltei logo e ele já estava que nem um cadáver. Foi por isso que mandei chamar você. Ele não vai durar muito. (*Põe-se à escuta.*)

MONGE — Meus caros convidados das núpcias e do funeral! E com emoção que estamos aqui reunidos, entre um leito nupcial e um leito de morte, pois a esposa está vindo para a alcova quando o esposo está indo para baixo da terra. O esposo já se lavou dos pecados, e a esposa aí está para o que der e vier. Pois no leito nupcial jaz uma última vontade que se faz pecaminosa. Ah, como são diferentes, meu caros, os destinos das pessoas! Um morre para poder ter um teto sob o qual se abrigar, e a outra casa-se para que a sua carne retorne ao pó de que foi feita. **Amém!**

SOGRA (*depois de ouvir tudo*) — Ele está indo à forra. Eu não devia ter chamado um tão barato, pois é nisto que dá. Um mais careiro havia de se comportar melhor. Lá em Sura tem um que vive em odor de santidade, mas naturalmente cobraria uma fortuna. Um sacerdote de cinquenta piastras não pode mesmo ser muito solene, e cinquenta piastras é o que ele vai receber, religiosamente, nem mais um vintém. Quando fui lá no botequim buscá-lo, ele estava fazendo um discurso, aos berros: "A guerra acabou, cuidado com a paz!" — Vamos lá para dentro!

GRUSCHE (*dando um bolinho a Miguel*) — Coma um bolinho e fique quieto aí, Miguel! Agora somos gente de muito respeito.

*Grusche e a Sogra levam para os Convidados os pratos de bôlos. Yussuf, o agonizante, levanta-se da cama e põe a cabeça para fora do mosquitoireiro, olhando para as duas mulheres. Depois torna a afundar-se na cama. O Monge tira dos bolsos da batina mais duas garrafas e estende-as aos Convidados mais próximos. Entram três Músicos, a quem o Monge faz um sinal zombeteiro.*

SOGRA (aos Músicos) — Que estão fazendo aqui, com esses instrumentos?

OS MÚSICOS — O irmão Anastásius (*apontam o Monge*) nos disse que havia uma festa de casamento aqui. . .

SOGRA (*ao Monge*) — Então você ainda me traz mais três, para me azucrinar? Os senhores também não sabiam que ali no quarto está um homem à beira da morte?

MONGE — É uma tarefa muito sedutora para um artista: ao mesmo tempo, marcha nupcial e marcha fúnebre, uma bem alto e a outra bem baixinho.

SOGRA — Então pelo menos toquem alguma coisa, já que ninguém vai lhes tirar a comida da boca!

*Os Músicos tocam uma melodia mista. As mulheres servem bolinhos.*

MONGE — O trompete tem um som de choro de bebê, e o que é que o tamborzinho anda batucando pelo mundo?

CONVIDADO 1 (*perto do Monge*) — Que tal, se a noiva mexesse um pouco as cadeiras?

MONGE — As cadeiras ou a caveira?

CONVIDADO 1 (*cantando*) — Senhorita Bunda-Bela casou com um agonizante, dizendo que o casamento é a coisa mais importante.

Mas era tudo piada: esqueceu a certidão, e as velas aproveitou para outra iluminação.

*A Sogra põe o bêbado para fora. A música pára. Os Convidados ficam sem jeito. Pausa.*

OS CONVIDADOS (*em altas vozes*) — Já sabem da última? O Grão-Duque está de volta! — Mas os príncipes ainda estão contra ele. — Ah, o Xá da Pérsia, dizem, formou um exército enorme para restabelecer a ordem na Grusínia. — Como é que pode ser isso, se o Xá da Pérsia é inimigo do Grão-Duque? — Mas é mais inimigo da desordem. — Em todo caso, a guerra terminou: nossos soldados já estão voltando.

*Grusche deixa cair o prato de bolinhos.*

CONVIDADO 1 (*a Grusche*) — Está sentindo alguma coisa? Deve ser tanta preocupação, por causa do Yussuf! Sente-se aqui e descanse um pouco, meu bem!

*Grusche levanta-se vacilante.*

OS CONVIDADOS — Agora vai ser tudo como dantes, — Só que os impostos vão aumentar, para pagar as despesas da guerra.

GRUSCHE (*com voz sumida*) — Alguém falou que os soldados estão voltando?

CONVIDADO 2 — Quem falou fui eu.

GRUSCHE — Não pode ser verdade!

CONVIDADO 2 (*a uma das Convidadas*) — Mostre a ela o xale que compramos de um soldado! É da Pérsia.

GRUSCHE (*examina o xale*) — É lá que eles estão.



YUSSUF (*quando Grusche entra*) — Esfregue minhas costas!

GRUSCHE — O senhor não sabe fazer isso sozinho?

YUSSUF — “O senhor não sabe fazer isso sozinho?” — Pegue a escova, diabo! Você é minha mulher ou é uma estranha? (*A Sogra:*) Está fria demais!

SOGRA — Vou correndo buscar água quente.

GRUSCHE — Deixe que eu vou...

YUSSUF — Fique aí (*A Sogra sai apressada.*) Esfregue com força! E não me faça essa cara! Não há de ser a primeira vez que vê um homem nu: esse seu filho não é obra e graça do Espírito Santo!

GRUSCHE — O menino não veio por amor, se é a isso que está se referindo.

YUSSUF (*olhando-a com sarcasmo*) — Você até que nem tem jeito disso...

*Grusche deixa de esfregar-lhe as costas e afasta-se. Entra a Sogra.*

YUSSUF — Bela peça a senhora me arranjou: para minha mulher, uma mulher da vida!

SOGRA — Boa vontade é que ela não tem muita.

YUSSUF — Jogue a água com cuidado! Ai! Com cuidado, eu disse! (*A Grusche:*) Para mim não seria surpresa, se você tivesse feito algumas das suas na cidade: do contrário, que estaria fazendo aqui? Mas não vamos falar nisso. Eu também não falei nada contra o bastardo que você me pôs dentro de casa. Mas com você mesma é que já estou perdendo a paciência: é uma coisa contra a natureza... (*A Sogra:*) Mais! (*A Grusche:*) Mesmo que o seu soldadinho apareça, você agora é uma mulher casada.

GRUSCHE — Eu sei.

YUSSUF — Mas o seu soldadinho não vai voltar mais, pode perder as esperanças!

GRUSCHE — Isso é que não...

YUSSUF — Você está complicando a minha vida: estou casado e não tenho mulher. Onde você se deita, eu não me deito; nem posso procurar nenhuma outra. De manhã, quando eu vou para a lavoura, estou morto de cansado; de noite, quando vou para a cama dormir, estou aceso como o diabo. Deus deu um sexo a você, e o que é que você faz dele? O que a granja me rende não dá para eu gastar com mulheres na cidade, e isso também não seria solução. Mulher foi feita para mondar a terra e abrir as pernas: é o que diz a nossa folhinha. Está me ouvindo?

GRUSCHE — Estou. (*Calmente:*) Mas não é justo dizer que estou complicando a sua vida.

YUSSUF — Não é justo? (*A Sogra:*) Mais água! (*A Sogra joga mais.*) Ai!

CANTOR — Sentada à beira do rio, lavando a roupa, dentro d'água ela via a própria imagem e a sua face cada vez mais pálida a cada nova passagem da Lua.

De pé na beira do rio, torcendo a roupa, dos juncais ela ouvia a própria voz e era uma voz cada vez mais sumida a cada nova passagem da Lua.

Falsos pretextos, suspiros, suor e lágrimas em quantidade cada vez maior. E o seu menino cada vez maior a cada nova passagem da Lua.

*Grusche está agachada à beira de um riacho e mergulha na água umas peças de roupa. A certa distância brincam algumas crianças. Grusche fala com Miguel.*

GRUSCHE — Pode ir brincar com os outros, Miguel, mas não deixe fazerem você de bobo só porque é o menorzinho.

*Miguel faz sinal afirmativo e vai para onde estão as outras crianças, tendo início uma brincadeira.*

MENINO ALTO — Hoje vamos brincar de decapitação. (*A um Menino Gordo:*) Você é o Príncipe e fica dando risada. (*A Miguel:*) Você é o Governador. (*A uma Menina:*) Você é a Mulher do Governador, e chora quando cortam a cabeça dele. E eu decapito, (*mostra uma espada de pau*) com isto aqui! Primeiro a gente leva o Governador para o palácio. O Príncipe vai na frente e a Mulher atrás...

*Forma-se o cortejo, o Menino Gordo vai na frente dando risada, vão a seguir Miguel e o Menino Alto, e atrás de todos a Menina chorando.*

MIGUEL (*parando*) — Também quer cortar cabeça!

MENINO ALTO — Quem corta sou eu. Você é o menor de todos, e o papel de Governador é mais fácil: é só ajoelhar e deixar-se decapitar, muito simples.

MIGUEL — Também quer espada!

MENINO ALTO — A espada é minha. (*Dá-lhe um pontapé.*)

MENINA (*gritando para Grusche à distância*) — Ele não quer brincar com a gente.

GRUSCHE (*rindo*) — Filho de pato já nasce nadando, dizem.

MENINO ALTO — Você pode ser o Príncipe: é só saber dar risada.

*Miguel abana a cabeça.*

MENINO GORDO — Eu dou risada melhor. Deixe-o cortar a cabeça uma vez, depois você corta, depois eu.

*O Menino Alto entrega a Miguel, contrafeito, a espada, e ajoelha-se. O Menino Gordo sentou-se, bate nas coxas e dá grandes gargalhadas. A Menina chora o mais alto que pode. Miguel ergue a espada e, na hora de decapitar, cai para trás.*

MENINO ALTO — Ora! Vou mostrar a você como se faz.

*Miguel sai correndo, perseguido pelos outros. Grusche ri, ao vê-los assim. Quando se volta, o soldado Simon Chachava está na outra margem do riacho, com a farda em farrapos.*

GRUSCHE — Simon!

SIMON — Grusche Vachnadze?

GRUSCHE — Simon!

SIMON (*cerimonioso*) — Que a saúde e a paz de Deus estejam com a senhorita.

GRUSCHE (*levanta-se com alegria e faz uma profunda saudação*) — Que a paz de Deus esteja com o soldado, e louvado seja Deus por trazê-lo de volta são e salvo!

SIMON — Tinham carne melhor que a minha e por isso não me comeram, foi o que disseram os tubarões.

GRUSCHE — O cozinheiro diz que é esperteza, o herói diz que é sorte.

SIMON — E como vão as coisas por aqui? O inverno foi razoável, os vizinhos são atenciosos?

GRUSCHE — O inverno foi um pouco rigoroso, e os vizinhos são como sempre, Simon.

SIMON — Pode-se perguntar se uma certa pessoa tem ainda o costume de pôr as pernas dentro d'água, quando lava roupa?

GRUSCHE — A resposta é “não”, por causa dos olhos atrás das moitas.

SIMON — A senhorita está falando de uns soldados, mas quem está aqui é um Intendente do Exército.

GRUSCHE — E isso não quer dizer vinte piastras?

SIMON — Com direito a alojamento.

GRUSCHE (*com lágrimas subindo aos olhos*) — Atrás do quartel, entre os pés de tâmaras...

SIMON — Exatamente. Estou vendo que o pessoal está informado.

GRUSCHE — Está mesmo.

SIMON — E não se esquece de nada. (*Grusche abana a cabeça.*) Então a porta gira bem nas dobradiças, como se diz? (*Grusche olha-o em silêncio e abana de novo a cabeça.*) Que foi que houve? Alguma coisa errada?

GRUSCHE — Simon Chachava, eu não posso mais voltar para Nukha. Aconteceu uma coisa.

SIMON — Que foi que aconteceu?

GRUSCHE — Aconteceu que eu matei um Cavalarião.

SIMON — Grusche Vachnadze deve ter tido boas razões para isso.

GRUSCHE — Simon Chachava, agora eu tenho outro nome.

SIMON (*após uma pausa*) — Não estou entendendo.

GRUSCHE — Quando é que as mulheres mudam de nome, Simon? Mas uma coisa eu quero deixar bem esclarecida: entre mim e você nada mudou, pode acreditar...

SIMON — Como, nada mudou, se tudo é diferente?

GRUSCHE — Como é que eu posso explicar, com tanta pressa e um riacho no meio? Você não quer atravessar pela pinguela?

SIMON — Talvez não seja mais necessário.

GRUSCHE — É mais do que necessário, Simon. Atravesse logo!

SIMON — A senhorita está querendo dizer que a gente chegou tarde demais?

*Grusche olha em desespero para Simon, o rosto molhado de lágrimas. Simon olha fixamente para a frente: tinha um pedaço de pau na mão e começa a cortá-lo.*

CANTOR — Há coisas que a gente diz

e coisas que a gente cala.  
O soldado chegou; mas de onde veio, ele não diz.  
Vamos tentar escutar o que ele pensa e não fala:

Iniciou-se a batalha de madrugada e ao meio-dia era carnificina.  
O primeiro caiu na minha frente, o segundo caiu atrás de mim, o terceiro caiu bem ao meu lado.  
Dei um pulo por cima do primeiro, deixei ficar para trás o segundo, e o capitão trespassou o terceiro.  
Dos meus irmãos, um morreu de arma-branca, outro morreu no meio da fumaça.  
Saí com a nuca pegando fogo, as mãos geladas de frio nas luvas e os pés gelados de frio nas botas.  
Comi o pão que o Diabo amassou, bebi sopa de urtiga, minha cama eram as pedras do leito do rio.

SIMON — No gramado eu estou vendo um gorro: será talvez de alguma criancinha?

GRUSCHE — É sim, Simon: eu não lhe esconderia isso. Mas, por favor, não se zangue: não é filho meu!

SIMON — Diz o ditado: quando o vento sopra, geme em todas as frestas de uma vez. A senhora não precisa dizer mais nada.

*Grusche abaixa a cabeça e não diz mais nada.*

CANTOR — A saudade chegou, sem fazer-se esperar. A jura se quebrou: por que não explicar? O que ela pensa e não fala, vamos tentar escutar:

Soldado, enquanto estavas na batalha,  
tua batalha de sangue e de fel,  
achei uma criança abandonada,  
e aí meu coração não resistiu.  
Fiquei com pena e tomei conta dela,  
catei migalhas de pão pelo chão,  
me desgracei pelo que nem meu era:  
um estranho. Alguém tinha que ajudar.  
Precisa ser regada a árvore tenra.  
Se o pastor dorme, o bezerrinho perde-se  
e ao seu mugido não há quem atenda.

SIMON — Me devolva a cruz que lhe dei! Ou, melhor, jogue-a dentro do riacho!

*Simon volta-se para partir.*

GRUSCHE — Simon Chachava, não vá embora! Esse menino não é meu, não é meu filho! (*Ela escuta as crianças chamando.*) Que foi, crianças?

VOZES — São os soldados! — Vão levar Miguel!

*Grusche fica atônita. Aproximam-se dela dois Cavalarianos, trazendo Miguel.*

CAVALARIANO — Temos ordem de levar para a cidade este menino, que foi encontrado sob a sua guarda, pois acredita-se que ele é Miguel Abaschvili, filho do Governador Geórgi Abaschvili e de sua mulher, Natella Abaschvili. Aqui está o papel com o carimbo.

*Saem levando o Menino.*

GRUSCHE (*correndo atrás, aos gritos*) — Por favor, deixem o garoto: é meu filho!

CANTOR — Lá se foram os Cavalarianos carregando o menino tão querido, e lá se foi a coitada, atrás deles, para a cidade cheia de perigos.

A mãe legítima queria agora  
de volta o menino, e a mãe adotiva  
faz-se valer da força do direito.  
Quem é que vai decidir a questão?  
Com quem é justo que fique o menino?  
O juiz será bom, será ruim?  
A cidade era incêndio infernal.  
E Azdak era o juiz do Tribunal.

## 5

### A HISTÓRIA DE UM JUIZ

CANTOR — Ouçam agora a história do juiz: de como ele chegou a ser juiz, de como ele proferia a sentença, e enfim que tipo de juiz ele era. Naquele estranho domingo de Páscoa, em tempo de grande revolução, quando se viu destronado o Grão-Duque, e seu Governador, Geórgi Abaschvili, pai do menino, foi decapitado — Azdak, o escrivão da aldeia, achou no mato um fugitivo e, às escondidas, em sua casa pobre o abrigou.

*Azdak, esfarrapado e meio embriagado, ajuda um Fugitivo, disfarçado de mendigo, a entrar em sua choupana.*

AZDAK — Não bufe assim! Você não é cavalo. E para escapar da polícia não adianta sair correndo feito um esquilo na primavera. Fique quieto aí, faça o que estou dizendo! (*Põe de novo em direção o Fugitivo, que recomencara a patear como se quisesse atravessar a parede da choupana.*) Sente-se e coma: tome um pedaço de queijo! (*Tira um queijo de um caixote escondido sob uns trapos e o Fugitivo começa a comer avidamente.*) Faz muito tempo que está sem comer? (*O Fugitivo resmungo.*) Por que está fugindo assim, caçã? O policial nem chegou a ver você.

FUGITIVO — É capaz.

AZDAK — Tudo isso é cagaço? (*O Fugitivo olha-o sem compreender.*) Calças cheias? Ficou apavorado? Heim? Não mastigue assim, que nem um porco ou um grão-duque: isso é uma coisa que eu não suporto! Só gente muito importante é que a gente precisa agüentar como Deus quis. Não é o seu caso. Já ouvi dizer que o presidente de um tribunal soltava peidos altíssimos, em pleno mercado, só para mostrar que tinha opinião própria e era independente. Vendo você comendo aí, agora, me vem à cabeça uma porção de idéias engraçadas. Por que não diz nem uma palavra? (*Duro:*) Me deixe ver sua mão! Está surdo? Mostre a mão! (*O Fugitivo estende a mão trêmula.*) Que mão branquinha! Você nunca foi mendigo! É um impostor, é uma mentira ambulante! E eu escondendo você aqui, pensando que era uma pessoa séria... Está fugindo de quem, se é um dos ricos também? Pois isso é o que você é, não queira me tapear: estou vendo, na sua cara, que você tem alguma culpa no cartório! (*Levanta-se.*) Dê o fora! (*O Fugitivo olha-o em desamparo.*) Que está esperando, espancor de roceiros?

FUGITIVO — Eu, perseguido. Favor muita atenção: eu fazer proposta.

AZDAK — Vai me fazer o quê? Uma proposta? E o cúmulo do descaramento! Ainda quer me fazer propostas! O sugado puxa o dedo sangrando e a sanguessuga ainda vem com uma proposta... Fora daqui, já disse!

FUGITIVO — Compreender ponto de vista, convicção. Pagar cem mil piastras uma noite. Sim?

AZDAK — Está pensando que pode me comprar? Só com cem mil piastras? E pouco... Digamos cento e cinquenta mil! Onde estão?

FUGITIVO — Natural não estar aqui comigo. Chegar logo. Esperar, não duvidar.

AZDAK — Duvido, sim. Dê o fora daqui!

*O Fugitivo fica algum tempo parado e a seguir encaminha-se para a porta. Ouve-se uma Voz do lado de fora.*

VOZ DE FORA — Azdak!

*O Fugitivo dá meia volta e caminha para o canto oposto, onde permanece imóvel.*

AZDAK (*grita*) — Não quero conversa. (*Vai até à porta.*) Farejando de novo por aqui, Schauwa?

*O policial Schauwa responde com admoestações.*

SCHAUWA — Você pegou outro coelho, Azdak. Já havia prometido não me fazer mais isso.

AZDAK (*rispido*) — Não discuta coisas que você não entende, Schauwa! O coelho é um bicho perigoso e nocivo, que rói as plantas, especialmente as hortaliças, e portanto deve ser combatido e exterminado!

SCHAUWA — Azdak, não fale assim comigo! Se não tomar providências contra você, eu perco o meu emprego. Sei que você tem um bom coração...



AZDAK — Tenho bom coração, coisa nenhuma! Quantas vezes vou ter de repetir que sou um homem de espírito?

SCHAUWA (*matreiro*) — Eu sei, Azdak: é um homem superior, e você mesmo é o primeiro a dizer. Mas quero só fazer uma pergunta, como cristão e como ignorante: quando alguém rouba um coelho do Príncipe, o que é que eu, como policial, devo fazer com o contraventor?

AZDAK — Schauwa, Schauwa, que vergonha! Você vem e me faz uma pergunta, e não há nada mais tentador que uma pergunta. Se você fosse uma mulher como a Nunowna, uma criatura vil, e me viesse aqui mostrar as coxas, como a Nunowna mostra, e aí me perguntasse: o que é que eu faço com a minha coxa, que está me machucando, mas ela não tem culpa, que faria você? Ora, ora... O que eu peguei foi um coelho, mas você agora está querendo pegar um homem. O homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, e o coelho não, você sabe disso muito bem. Eu me alimento de coelhos, mas você se alimenta de gente, Schauwa, e Deus vê e julga tudo. Schauwa, está na hora de você ir para casa e arrepender-se. Não, espere: acho que tenho uma coisa para você! (*Volta os olhos para o Fugitivo, que aguarda a tremer.*) Não, não é nada, não é nada mesmo... Vá para sua casa e arrependa-se! (*Bate-lhe a porta na cara, e fala com o Fugitivo:*) Está espantado, heim, porque não o entreguei? Mas a essa besta de policial eu não entregaria nem um percevejo, tanto é o nojo que ele me dá! Não trema assim, por causa de um policial! Tão velho e tão covarde. Pode acabar de comer o seu queijo, mas como gente pobre, senão eles acabam pegando você. Quer que eu lhe ensine como a gente pobre faz? (*Força o outro a sentar-se e torna a lhe pôr na mão um pedaço de queijo.*) O caixote é a mesa. Ponha os cotovelos na mesa, e agarre o queijo com as duas mãos, como se fossem tirá-lo de você a qualquer momento. Onde é que está a sua segurança? Segure a faca como se fosse uma foice pequena, e não olhe para o queijo com tanta avidez: tenha muito cuidado, porque de repente ele pode sumir, como tudo que é bom. (*Observa-o.*) Estão perseguindo você, e isso conta a seu favor; mas como é que eu vou saber que não estão enganados a seu respeito? Uma vez, em Tiflis, en-

forçaram um turco, que era proprietário de umas terras; ele ainda pôde provar que só pagava aos meeiros a quarta parte do que produziam, e não metade como seria de esperar, e que assim os explorava em dobro, como faziam os outros, com um zelo acima de qualquer suspeita, mas ainda assim foi enforcado, como um malfetor, só porque era turco, e contra isso ele nada podia fazer... Uma injustiça! Foi parar na forca, como Pilatos no Credo. Mais uma coisa: em você eu não tenho nenhuma confiança!

CANTOR — Assim Azdak abrigou o velho mendigo: e era o Grão-Duque em pessoa, o Estrangulador. E então Azdak pediu ao policial, envergonhado, que o levasse para Nukha, a fim de ser julgado pelo tribunal.

*No pátio do Tribunal, três Cavalarianos estão bebendo, de cores. Entra Azdak, acorrentado, puxando Schauwa atrás de si.*

AZDAK (*em altos brados*) — Eu ajudei o Grão-Duque a fugir: o Ladrão-Mor, o Estrangulador-Mor! Estou aqui para ser acusado com o máximo rigor, em sessão pública, em nome da Justiça!

CAVALARIANO 1 — Que ave rara é essa?

SCHAUWA — É o nosso escrivão Azdak.

AZDAK — Sou um infame, um traidor, um miserável! Conte, Pé-Chato, que eu mesmo pedi para ser conduzido à Capital, acorrentado, porque por engano dei pousada ao Grão-Duque, em outras palavras o Gatuno-Mor, como tarde demais ficou provado por este documento que achei num canto da minha choupana. (*Os Cavalarianos examinam o documento.*) Nem é preciso ler: vejamos, a própria calígrafa diz tudo! (*A Schauwa:*) Conte a eles como foi que obriguei você a andar depressa comigo, metade da noite, para ficar tudo bem esclarecido!

SCHAUWA — E tudo sob ameaça, Azdak: não foi bonito, da sua parte.

AZDAK — Cale esse bico, Schauwa, que você não entende nada. Estamos chegando a uma nova era, que vai desabar em

cima de você como uma tempestade, e você está perdido: os policiais vão sumir do mapa, pff! Tudo vai ser pesquisado e descoberto. E todo mundo vai se acusar espontaneamente, porque do povo ninguém vai poder fugir. Schauwa, diga a eles como foi que eu gritei na rua dos Sapateiros (*repete a cena com grandes gestos, olhando de soslaio para os Cavalarianos*): "Eu dei pousada ao Larápio-Mor, sem saber! Meus irmãos, me castiguem!" — E era assim que eu tomava a iniciativa.

CAVALARIANO 1 — E o que é que eles respondiam?

SCHAUWA — Na rua dos Açougueiros ficaram com pena dele, na rua dos Sapateiros morreram de rir, e foi só.

AZDAK — Mas com vocês a coisa é diferente: eu sei que vocês são de ferro. Onde está o Juiz, meus irmãos? Eu preciso ser processado.

CAVALARIANO 1 (*apontando o enforcado*) — O Juiz está aí. E pare de nos chamar de irmãos, porque esta noite nós estamos com os ouvidos muito sensíveis!

AZDAK — "O Juiz está aí." É uma resposta que na Grusínia ainda não tínhamos ouvido. Cidadãos, onde está Sua Excelência, o Senhor Governador? (*Aponta para a jorça.*) Sua Excelência está aí, forasteiro! Onde está o Cobrador Geral de Impostos? E o Chefe do Recrutamento? E o Patriarca? E o Chefe de Polícia? Aí, aí, aí, aí, aí, aí! Irmãos, de vocês era isso o que eu esperava!

CAVALARIANO 2 — Devagar! De nós você esperava o que, pardal?

AZDAK — O que aconteceu na Pérsia, irmão, o que aconteceu na Pérsia!

CAVALARIANO 2 — E o que foi que aconteceu na Pérsia?

AZDAK — Há quarenta anos. Enforcados, todos: Vizires, Cobradores de Impostos... Meu avô, que era um homem esquisito, viu tudo: durou três dias e por toda parte.

CAVALARIANO 2 — E quem ficou governando, quando o Vizir foi enforcado?

AZDAK — Um camponês.

CAVALARIANO 2 — E quem ficou comandando o exército?

AZDAK — Um soldado raso.

CAVALARIANO 2 — E quem ficou pagando o pessoal?

AZDAK — Um tintureiro: um tintureiro pagava os soldos e salários.

CAVALARIANO 2 — Não seria talvez um tapeceiro?

CAVALARIANO 1 — E por que foi que tudo isso aconteceu, você, da Pérsia?

AZDAK — Por que foi que tudo isso aconteceu? É necessário algum motivo especial? Por que você se coça tanto, amigo? É a guerra! Guerra longa demais! E justiça, nenhuma! Meu avô costumava cantar uma canção que dizia como foi que aconteceu, lá. Eu e meu amigo, o Policial aqui, vamos cantar para vocês. (*A Schauwa:*) Segure bem a corrente, que é o seu serviço! (*Canta, preso à corrente que Schauwa segura:*)

Por que não sangram mais os nossos filhos?  
Nossas filhas, por que não choram mais?  
Por que só se vê sangue de novilhos  
no matadouro, e junto ao lago Urmi  
só dos salgueiros se escutam os ais?

Se o Rei quer novas terras conquistar,  
o camponês dá a ele os seus trocados.  
Se ao Teto do Mundo ele quer chegar,  
as choupanas que fiquem sem telhados!  
Nossos meninos vão aos quatro ventos,  
e os grandes ficam em casa sentados.  
Os chefes das tropas se congratulam,  
enquanto estão se matando os soldados.  
O ouro dos pobres não deve ser falso,  
porém os sabres podem ser quebrados.

Perdida está a batalha, mas o preço  
dos elmos precisa ser liquidado.

É assim, não é assim?

SCHAUWA — Sim, sim, sim: é bem assim!

AZDAK — Vocês querem que cante até o fim?

*O Cavalariano 1 faz sinal afirmativo.*

CAVALARIANO 2 (*a Schauwa*) — Ele não ensinou essa canção  
a você?

SCHAUWA — Ensinou, mas a minha voz não é boa.

CAVALARIANO 2 — Ahn... (*A Azdak:*) Cante mais!

AZDAK — A segunda parte fala da paz. (*Canta:*)

Estão repletas as repartições,  
há funcionários na rua sentados.  
Se o rio passa por cima das margens,  
para trás deixa os campos devastados.  
Quem manda são os ricos, que não sabem  
nem as botas sozinhos descalçar;  
não sabem contar nem de um até quatro,  
mas oito empregos sabem ocupar.  
Quem planta milho e sai para vender,  
só acha gente querendo comer.  
Os tecelões esquecem os teares  
e perambulam sem o que fazer.

É assim, não é assim?

SCHAUWA — Sim, sim, sim: é bem assim!

AZDAK — E assim não sangram mais os nossos filhos,  
e assim nossas filhas não choram mais.  
Assim só se vê sangue de novilhos  
no matadouro, e junto ao lago Urmi  
só dos salgueiros se escutam os ais.

CAVALARIANO 1 (*após uma pausa*) — E essa canção, você vai  
cantar na cidade?

AZDAK — Que mal há nisso?

CAVALARIANO 1 — Está vendo aquele vermelhão lá longe?  
(*Azdek olha: há um clarão vermelho no céu.*) E na en-  
trada da cidade! Os tecelões também pegaram a “doença  
da Pérsia”, quando o Príncipe Kazbéki mandou cortar a  
cabeça do Governador Abaschvili, começaram a indagar  
se o Príncipe Kazbéki também não estava com a pança  
cheia demais. E hoje ao meio-dia enforcaram o Juiz da  
comarca. Mas nós fomos lá para fazer mingau deles, à  
razão de duas piastras por tecelão, você está compre-  
endendo?

AZDAK (*após uma pausa*) — Estou.

*Azdek olha atemorizado para os Cavalarianos, vai saindo de  
mansinho, e senta-se no chão, com a cabeça entre as mãos.*

CAVALARIANO 1 (*ao Cavalariano 3, depois que todos bebem  
mais um pouco*) — Preste bem atenção ao que vai acon-  
tecer!

*Os Cavalarianos 1 e 2 vão na direção de Azdek e barram-lhe a  
saída.*

SCHAUWA — Eu não acredito que ele seja um mau sujeito,  
meus senhores: aqui e ali uma galinha roubada, vez por  
outra um coelho, talvez...

CAVALARIANO 2 (*encaminhando-se para Azdek*) — Veio aqui  
jogar verde para colher maduro, não foi?

AZDAK (*olhando-o*) — Nem sei mais o que eu vim fazer  
aqui...

CAVALARIANO 2 — Não é um desses que apóiam os tecelões?  
(*Azdek faz que não, com a cabeça.*) E o que é que quer  
dizer essa canção?

AZDAK — É uma canção do meu avô, que, além de estúpido, era ignorante.

CAVALARIANO 2 — Vá lá... E o tintureiro que pagava os soldados?

AZDAK — Isso foi lá na Pérsia.

CAVALARIANO 2 — E o seu complexo de culpa, por não haver enforcado o Grão-Duque com suas próprias mãos?

AZDAK — Eu já não disse que deixei ele escapar?

SCHAUWA — Disso eu sou testemunha: ele deixou o Grão-Duque escapar.

*Os Cavalarianos arrastam Azdak, aos gritos, para o cadafalso. Mas, lá chegando, soltam-no, caindo na gargalhada. Azdak começa a fazer a mesma coisa, e daí a pouco está rindo mais alto que eles. Tiram-lhe as correntes. Todos põem-se a beber. Entra o Príncipe Gordo com um rapaz, seu Sobrinho.*

CAVALARIANO 1 (a Azdak) — É a sua nova era, que vem vindo aí!

*Novas gargalhadas.*

PRÍNCIPE GORDO — Qual é a graça que faz vocês rirem tanto, meus amigos? Permitam-me dizer uma palavra a sério! Os Príncipes da Grusínia derrubaram ontem de manhã o governo do Grão-Duque, e mataram todos os Governadores, mas infelizmente o Grão-Duque em pessoa conseguiu escapar. Nas horas difíceis que atravessamos, os nossos teclões, sempre agitados, não resistiram à tentação de armar um levante e enforçar o meritíssimo Juiz da nossa comarca, Illo Orbeliani, tão querido de todos. Tss, tss... Meus amigos, o que nós precisamos ter na Grusínia é paz, muita e muita paz! E justiça! Eu lhes trago aqui o nosso querido Bizerian Karbéki, meu sobrinho, uma pessoa de muita capacidade, para ser o novo Juiz... Mas, como eu sempre digo: quem decide é o povo!

CAVALARIANO 1 — Quer dizer que quem escolhe o Juiz somos nós?

PRÍNCIPE GORDO — Isso mesmo! O povo é que escolhe a pessoa certa. Podem trocar idéias, meu amigos! (*Os Cavalarianos ajuntam-se, com as cabeças quase se tocando.*) Pode ficar tranqüilo, garotão, que o lugar já é seu! E, assim que o Grão-Duque for apanhado, não vamos ter mais de mostrar o rabo para essa ralé toda.

CAVALARIANOS (*entre eles*) — Eles estão de calças na mão porque o Grão-Duque ainda não foi apanhado. — E isso é uma coisa que nós devemos a esse escrívão da aldeia, que o deixou escapar. — Eles não se sentem muito seguros, e vêm com essa história de “meus amigos” e “quem decide é o povo”. — Mas chance é chance, e desta vez a chance é nossa. — Vamos perguntar ao escrívão da aldeia o que é que ele entende de justiça! Ei, moleza!

AZDAK — Isso é comigo?

CAVALARIANO 1 (*continuando*) — Que é que você acha de ter o sobrinho dele como Juiz?

AZDAK — E é a mim que perguntam? Não é a mim que vão perguntar, é?

CAVALARIANO 2 — Por que não? É tudo uma brincadeira!

AZDAK — Se é que eu estou entendendo bem, vocês querem submeter o rapaz a uma prova: é isso? Se tivessem um criminoso disponível, o candidato então poderia dar uma prova das suas habilidades, se fosse o caso: não é o que estão imaginando?

CAVALARIANO 3 — Vamos ver... Nós temos à mão os dois médicos do Governador. Podemos ir buscá-los...

AZDAK — Espere! Isso não resolve: não devem ir buscar criminosos de verdade, porque o juiz não é juramentado. O juiz pode ser uma besta, mas tem que ser juramentado, para não haver lesão da Justiça, que é uma entidade muito

delicada: assim como o baço, que às vezes leva uma pancada à toa e logo traz a morte. Vocês podem muito bem enforçar os dois médicos, sem que haja lesão da Justiça, por não haver um Juiz. A Justiça deve ser pronunciada com uma porção de precauções, porque ela é muito cheia de melindres. Quando um Juiz, por exemplo, condena uma mulher pelo crime de ter roubado uma broa de milho para o filho, e ele está sem a toga, ou se ele se coça até acima do Joelho, levantando a beca de maneira a ficar com uma terça parte do corpo a nu, nesse caso o julgamento considerou-se viciado e lesada a Justiça. Para ministrar a Justiça, vale mais uma toga e barrete, sem juiz, do que um juiz sem toga e barrete. A Justiça escapole, sem deixar traço, a menos que sejam tomadas todas as precauções. Vocês não iriam querer saber se um vinho é bom, dando-o a um cachorro para beber, pois seria vinho jogado fora. . .

CAVALARIANO 1 — Então o que é que você sugere, gaforinha?

AZDAK — Eu vou fazer o acusado, e digo a vocês como. (*Diz alguma coisa ao ouvido dos Cavalarianos.*)

CAVALARIANO 1 — Você?

*Todos caem na gargalhada.*

PRÍNCIPE GORDO — Chegaram a alguma decisão?

CAVALARIANO 1 — Nós decidimos fazer um teste. O nosso amigo aqui vai fazer o papel de acusado, e aqui está uma cadeira para o Juiz.

PRÍNCIPE GORDO — Não se costuma fazer isso, mas por que não? (*Ao Sobrinho:*) É uma formalidade, garotão. Quem foi que você aprendeu que chega primeiro: quem corre muito ou quem corre pouco?

SOBRINHO — Quem pisa de mansinho, tio Arsênio!

*O Sobrinho senta-se na cadeira, o Príncipe Gordo coloca-se atrás dele. Os Cavalarianos sentam-se nuns degraus. Entra Azdak, com o andar inconjuntável do Grão-Duque.*

AZDAK — Haverá no recinto alguém que me conheça? Eu sou o Grão-Duque!

PRÍNCIPE GORDO — É quem?

CAVALARIANO 2 — O Grão-Duque, muito conhecido dele.

PRÍNCIPE GORDO — Muito bem.

CAVALARIANO 1 — Está aberta a sessão!

AZDAK — Ouçam-me: sou acusado de ter provocado a guerra. Isso é ridículo. Ridículo, repito! Minha palavra basta? Se não basta, eu trouxe a dos advogados, uns quinhentos. (*Faz um sinal, como se tivesse atrás dele uma legião de advogados.*) Estão faltando cadeiras para os meus advogados.

*Os Cavalarianos riem, o Príncipe Gordo ri também.*

SOBRINHO (*aos Cavalarianos*) — Vocês desejam que eu julgue este caso? Devo dizer que me parece quando menos um tanto fora de propósito, em matéria de bom gosto, quero dizer. . .

CAVALARIANO 1 — Adiante!

PRÍNCIPE GORDO (*rindo*) — Dá-lhe duro, garotão!

SOBRINHO — Está bem. É o povo de Grusínia contra o Grão-Duque. Que tem o acusado a alegar em sua defesa?

AZDAK — Várias coisas. Naturalmente eu também já li que a guerra está perdida. A guerra foi declarada por mim a conselho de grandes patriotas, como o tio Kazbéki. Peça o testemunho do tio Kazbéki (*Os Cavalarianos riem.*)

PRÍNCIPE GORDO (*afavelmente aos Cavalarianos*) — É formidável, ele, não é?

SOBRINHO — Petição rejeitada! Naturalmente o réu não pode ser acusado só pelo fato de ter declarado uma guerra, pois

isso todos os soberanos fazem. A acusação é de ter comandado mal a guerra.

AZDAK — Tolice! Quem comandou a guerra não fui eu. Eu nomeei comandantes. A guerra foi comandada pelos Príncipes. Que meteram os pés pelas mãos, naturalmente.

SOBRINHO — Está querendo negar que detinha o comando supremo?

AZDAK — De modo algum. Eu sempre fui comandante-em-cheffe. Desde o dia em que nasci, eu já descompunha a amade-leite. Fui criado cagando para os outros. E acostumado a mandar. Sempre mandava os criados roubarem dinheiro do meu cofre. Os oficiais só batem nos soldados quando eu mando. Os latifundiários só se deitam com as mulheres dos camponeses quando eu dou ordens muito rigorosas. O tio Kazbékí, aqui presente, só tem essa barrigona porque eu mando.

OS CAVALARIANOS (*batendo palmas*) — Muito bem! — Viva o Grão-Duque!

PRÍNCIPE GORDO — Dê uma boa resposta a ele, garotão! Eu estou aqui do seu lado!

SOBRINHO — Vou responder de acordo com a dignidade do tribunal: o acusado deve respeitar a dignidade deste tribunal!

AZDAK — Perfeitamente. Ordeno a Vossa Meritíssima que dê prosseguimento ao interrogatório.

SOBRINHO — A mim, não tem nada que ordenar. Pretende então dizer que os Príncipes o obrigaram a declarar guerra? E como pretende provar que os mesmos Príncipes meteram os pés pelas mãos?

AZDAK — Não armaram homens em número suficiente, gastaram dinheiro à toa, forneceram cavalos doentes, na hora do ataque iam embriagar-se nos bordéis. Posso citar o tio Kazbékí como testemunha.

*Os Cavalarianos riem.*

SOBRINHO — Está pretendendo chegar à incrível alegação de que os Príncipes deste país não lutaram?

AZDAK — Absolutamente. Os Príncipes até que lutavam muito: lutavam pelos contratos de provisões de guerra!

PRÍNCIPE GORDO — Assim é demais: esse gaiato está falando como um tapeceiro!

AZDAK — É mesmo? Falando tudo verdade!

PRÍNCIPE GORDO — À força! À força!

CAVALARIANO 1 — Calminha! Continue, "Alteza"!

SOBRINHO — Silêncio no recinto! Agora eu vou proferir a sentença: o réu deve ser pendurado, pelo pescoço. Por ter perdido a guerra. Sessão encerrada! Sem apelação! Evacuem o recinto!

PRÍNCIPE GORDO (*histericamente*) — Evacuem! Evacuem! Evacuem!

AZDAK — Rapaz, siga o meu conselho, não saia por aí falando abertamente com essa voz estridente e esquisita: ninguém lhe dá emprego de cão de guarda, se o seu uivo é de lobo. Deu para entender?

PRÍNCIPE GORDO — À força!

AZDAK — Quando a gente percebe que os Príncipes falam a mesma linguagem do Grão-Duque, a gente enforca o Grão-Duque e os Príncipes também. E ainda cobra as custas do processo. Motivo: a guerra perdida, mas não para os Príncipes. Os príncipes afinal ganharam a guerra deles: receberam três milhões oitocentos e sessenta e três piastras em pagamento de uns cavalos que nunca foram fornecidos.

PRÍNCIPE GORDO — À força!

AZDAK — Mais oito milhões duzentas e quarenta mil piastras pela manutenção de tropas que nunca foram recrutadas.

PRÍNCIPE GORDO — À força!

AZDAK — Assim, saíram todos vencedores. Guerra perdida só para a Grusínia, que não está presente a este tribunal.

PRÍNCIPE GORDO — Meus amigos, eu acho que já chega! (*A Azdak:*) Urubu, pode ir caíndo fora! (*Aos Cavalarianos:*) Creio que agora, meus amigos, já podem nomear e juramentar o novo Juiz.

CAVALARIANO 1 — Podemos, sim. Tragam a toga do Juiz! (*Um deles sobe nas costas de outro e tira a toga do enforcado.*) E agora (*ao Sobrinho*) dê o fora daí, para a cadeira certa poder receber a bunda certa! (*A Azdak:*) Suba você, e ocupe a cadeira do Juiz! (*Azdek hesita.*) Vá, homem, sente-se nela! (*Cavalarianos levam Azdak e obrigam-no a sentar-se na cadeira do Juiz.*) Se os Juizes sempre foram uns vagabundos, por que é que um vagabundo não pode ser Juiz também? (*Põem-lhe nos ombros a toga e na cabeça o fundo de palha de um garrafão.*) É um Juiz direitinho, sem tirar nem pôr!

CANTOR — Estava em guerra civil o país e em grande insegurança os soberanos. Azdak foi assim feito Juiz por decisão dos Cavalarianos, e como Juiz trabalhou dois anos.

CANTOR E MÚSICOS — Enquanto o grande incêndio ia lavrando e as cidades em sangue se afogando, saíam dos buracos mais escuros aranhas e esfaimadas sanguessugas. No castelo um magarefe mandava, à frente do templo um hereje estava, e o velho Azdak, de toga e barrete, era quem a justiça interpretava.

*Azdek está sentado na cadeira de Juiz, descascando uma maçã. Schauwa limpa o recinto com um espanador. De um lado estão*

*um Inválido em cadeira de rodas, o Médico acusado e um Capenga em molambos; do outro lado, um rapaz acusado de Chantagista. Um Cavalariano monta guarda, com o estandarte dos Cavalarianos.*

AZDAK — Tendo em vista o grande número de casos, o Tribunal vai fazer julgamento de dois em dois. Antes de começar, uma pequena observação: quem recebe as custas sou eu. (*Estende a mão, mas só o Chantagista tira dinheiro do bolso e dá a ele.*) Eu me reservo o direito de cobrar de uma das partes aqui presente (*olha para o Inválido*) uma multa por falta de consideração ao Tribunal. (*Ao Médico:*) Você é médico, e está sendo acusado por você (*aponta o Inválido*): acha que o médico é culpado da sua doença?

INVÁLIDO — Com toda a certeza: tive um ataque de apoplexia por causa dele.

AZDAK — Seria um caso de negligência profissional. . .

INVÁLIDO — Mais do que negligência. Eu emprestei dinheiro a esse homem, para os estudos dele; ele nunca me reembolsou em nada, e eu, quando soube que ele estava atendendo a pacientes grátis, tive um ataque de apoplexia.

AZDAK — Com razão. (*Ao Capenga:*) E você, o que deseja aqui?

CAPENGA — Eu sou o paciente, Meritíssimo.

AZDAK — A sua perna não foi bem tratada?

CAPENGA — Não a que precisava tratamento: eu tinha reumatismo na perna esquerda e ele operou a direita. Por causa disso, eu fiquei capengando.

AZDAK — E isso foi grátis?

INVÁLIDO — Inteiramente grátis, uma operação de quinhentas piastras! A troco de nada: só por um "Deus lhe pague" . . . Mas os estudos desse homem, quem pagou fui eu! (*Ao*

*Médico:*) Foi na Faculdade, que você aprendeu a fazer operações de graça?

MÉDICO — Meritíssimo, é de praxe realmente, antes de qualquer operação, cobrar os honorários, porque os pacientes pagam com mais boa vontade antes que depois, o que é humanamente compreensível. No caso presente, eu pensei, quando fiz a operação, que os honorários já haviam sido pagos ao meu ajudante. E esse foi o meu engano.

INVÁLIDO — O “engano” dele! Um bom médico não se engana: examina bem, antes de operar!

AZDAK — Isso é verdade. (*A Schauwa:*) E no outro caso, de que se trata, senhor Promotor público?

SCHAUWA (*voltando-se solícito*) — Chantagem, Meritíssimo.

CHANTAGISTA — Egrégio Tribunal, sou inocente! Eu queria apenas tomar uma informação do latifundiário meu vizinho, se ele havia de fato violentado a própria sobrinha. Ele me convenceu de que não faria uma coisa dessas, e só me deu algum dinheiro para eu poder custear as lições de música do meu tio.

AZDAK — Ahn... (*Ao Médico:*) No seu caso, doutor, não tem nenhuma atenuante a apresentar, não é mesmo?

MÉDICO — Meritíssimo, o mais que eu posso alegar é que errar é humano.

AZDAK — Mas você não sabe que um bom médico, cômico das suas responsabilidades, deve ter todo o cuidado quando se trata de receber dinheiro? Já ouvi dizer que um médico chegou a tirar mil piastras de um dedo destroncado, diagnosticando um delicado problema de circulação, fato que talvez passasse despercebido a um facultativo menos preparado; num outro caso, o mesmo médico, graças ao seu desvelo profissional, transformou uma insignificante vesícula biliar numa inesgotável mina de ouro. Doutor, o senhor não tem desculpa! Uxu, o atacadista de cereais, man-

dou o filho estudar Medicina, para aprender a fazer bons negócios, de tão bom que era para isso o ensino em nossas Faculdades de Medicina. (*Ao Chantagista:*) Como é o nome do tal latifundiário?

SCHAUWA — Ele deseja que o nome dele não seja citado no processo.

AZDAK — Então eu vou proferir as sentenças! A chantagem ficou provada perante o Tribunal, e você (*ao Inválido*) está condenado a pagar mil piastras de multa, se tiver um segundo ataque, o médico fica obrigado a tratá-lo de graça, devendo fazer qualquer amputação, se for o caso. (*Ao Capenga:*) Você receberá, como indenização, uma garrafa de conhaque francês. (*Ao Chantagista:*) Você vai dar a metade do dinheiro ao Promotor Público, para que o nome do tal latifundiário não conste dos autos do processo, e além do mais deverá seguir o conselho de estudar Medicina, pois já demonstra uma acentuada vocação para esse ofício. E você, médico, por esse engano imperdoável no exercício da profissão, está absolvido. Passemos aos casos seguintes!

CANTOR E MÚSICOS — Ai, não há boa sentença barata como se pensa, e uma sentença mais cara também nem sempre compensa. O direito é como um gato metido dentro de um saco. Por que pedir a um terceiro para nos fazer justiça, quando, por pouco dinheiro Azdak também faz isso?

*De um caravancará à beira da estrada sai Azdak, seguido pelo Estalajadeiro, de longas barbas grisalhas. Atrás vêm Schauwa e o Criado arrastando a cadeira de Juiz. Um Cavalariano toma posição, com o estandarte.*

AZDAK — Ponham a cadeira ali! Pelo menos ali tem ar e até um pouquinho do vento que sopra dos limoieiros. Faz muito bem à Justiça o ar livre: o vento sopra por baixo da



saía dela, e a gente pode ver o que ela traz escondido. Schauwa, parece que nós comemos demais. Essas viagens de inspeção cansam a gente. (*Ao Estalajadeiro:*) O caso é com a sua nora?

ESTALAJADEIRO — Meritíssimo, o caso é com a honra da família. Estou aqui por procuração de meu filho, que foi ao outro lado das montanhas, a negócios. Este é o criado que cometeu o crime, e esta é a minha nora, merecedora de toda compaixão.

*Entra a Nora, uma viçosa criatura, coberta com um véu.*

AZDAK (*sentando-se*) — Primeiro, as custas! (*O Estalajadeiro, suspirando, entrega-lhe o dinheiro.*) Cumpridas as formalidades, vamos ao caso: foi violência sexual?

ESTALAJADEIRO — Meritíssimo, eu peguei o malandro na cavalariça, bem na hora em que ele estava ajeitando a nossa Ludowika deitada na palha...

AZDAK — É muito boa, a sua cavalariça: excelentes cavalos! Especialmente um pequeno alazão, que me agradou muito!

ESTALAJADEIRO — Naturalmente, em nome de meu filho, eu pedi logo a Ludowika um juramento...

AZDAK (*sério*) — Mas o alazão, como eu ia dizendo, me agradou muito.

ESTALAJADEIRO (*com frieza*) — É mesmo? — Ludowika me jurou que o Criado forçou-a a deitar-se.

AZDAK — Ludowika, tire o véu! (*Ela obedece.*) Ludowika, você é simpática ao Tribunal. Diga direitinho o que aconteceu.

LUDOWIKA (*com um jeito estudado*) — Quando entrei na cavalariça, para dar uma olhada no potrinho novo, o criado me falou, com segundas intenções: "Está quente, hoje", e pôs a mão no meu seio esquerdo. Eu disse: "Não faça isso", mas ele continuou a me apalpar de um modo imoral,

me fazendo ficar fora de mim. Antes que eu pudesse me dar conta dos seus propósitos pecaminosos, ele já estava em cima. Foi aí que meu sogro apareceu, e sem saber de nada, foi logo me dando pontapés.

ESTALAJADEIRO (*esclarecendo*) — Em nome de meu filho!

AZDAK (*Ao Criado*) — Reconhece que foi você quem começou?

CRiado — Sim, Meritíssimo.

AZDAK — Ludowika, você gosta de doces?

LUDOWIKA — Gosto: sementes de girassol...

AZDAK — Gosta de ficar uma porção de tempo sentada na banheira?

LUDOWIKA — Meia hora, mais ou menos.

AZDAK — Senhor Promotor Público, ponha sua faca no chão, lá! (*Schauwa obedece.*) Ludowika, vá lá e apanhe a faca do Promotor!

*Ludowika vai, rebolando as ancas, e apanha a faca do chão.*

AZDAK (*apontando para ela*) — Estão vendo, como rebola? A parte criminosa está revelada, a violência sexual comprovada. Foi pela gulodice, principalmente em matéria de doces, e pelo tempo que leva sentada na banheira, pela preguiça e pela carne fofa que tem, que você acabou sendo violentada, por intermédio desse pobre rapaz. Acha que pode andar por aí com um traseiro desses e passar pelas malhas da justiça? Isso é uma agressão premeditada, com uma arma das mais perigosas. Está condenada a entregar a este Tribunal o pequeno cavalo alazão que seu sogro costuma montar em nome do filho! E depois, Ludowika, vamos nós dois até à cavalariça, para que o Tribunal possa fazer um exame do corpo de delito!

*Pela estrada principal da Grusínia, Azdak é carregado pelos Cavalarianos, em sua cadeira de Juiz, de lugarejo.*

*Atrás dele vão Shauwa, arrastando a força, e o Criado, puxando o pequeno alazão.*

CANTOR E MÚSICOS — Enquanto os de cima brigam,  
os de baixo rejubilam:  
não ouvem tanto muxoxo  
nem tanto me-dá-me-dá.  
Pelas torcidas estradas  
da Grusínia, com seus falsos  
critérios, vai sempre em frente o  
Juiz dos Pobres, Azdak.

Tira um bocado dos ricos  
e reparte entre a gentilha.  
O selo dele é o borrão  
que o pingo do lacre espalha.  
Sempre sob a proteção  
da ralé, seguindo vai  
o bom-mau Juiz, o Pai  
dos grusinenses, Azdak.

*O tribunal de Azdak está instalado numa taberna. Três Fazendeiros ricos estão de pé, diante de Azdak, a quem Schauwa traz vinho. A um canto, uma Camponesa Velha. Pela porta aberta e do lado de fora, aldeões curiosos vêm espiar. Um Cavalariano, com o estandarte, monta guarda.*

AZDAK — Com a palavra o senhor Promotor Público!

SCHAUWA — A questão gira em torno de uma vaca. A acusada tem no estábulo uma vaca pertencente ao fazendeiro Suru. Em poder dela foi também encontrado um presunto roubado. E o fazendeiro Schuteff teve mortas algumas de suas vacas, quando intimou a acusada a pagar a cerca de um pasto.

OS FAZENDEIROS — Trata-se do meu presunto, Meritíssimo! — Trata-se da minha vaca, Meritíssimo! — Trata-se da minha cerca, Meritíssimo!

AZDAK — Vovozinha, o que é que a senhora tem a dizer?

CAMPONESA VELHA — Meritíssimo, faz cinco semanas que bateram na minha porta, de madrugada, quase clareando o dia. Era um homem barbudo, com uma vaca, e me falou assim: "Cara senhora, eu sou o milagroso São Bandido, e lhe trago esta vaca em memória do seu filho que morreu na guerra. Trate bem dela!"

OS FAZENDEIROS — Era o ladrão Irakli, Meritíssimo! — Era o cunhado dela, Meritíssimo! — O ladrão de gado! — O incendiário! — Ele devia ser decapitado!

*Vem de fora o grito de uma das mulheres. Os curiosos assustam-se e recuam. Entra o bandido Irakli, com um machado enorme.*

OS FAZENDEIROS — Irakli! (*Fazem o sinal da cruz.*)

IRAKLI — Muito boas-tardes, meus amigos! Tem um copo de vinho?

AZDAK — Senhor Promotor Público, um caneco de vinho para o nosso visitante! E quem é você?

IRAKLI — Eu sou um eremita peregrino, Meritíssimo, e fico muito agradecido por sua generosa dádiva. (*Esvazia o caneco trazido por Schauwa.*) Mais um!

AZDAK — Eu sou Azdak. (*Põe-se de pé e faz uma curvatura, ao mesmo tempo que o bandido Irakli curva-se também.*) Este Tribunal apresenta as boas-vindas ao eremita forasteiro. Pode continuar, avozinha!

CAMPONESA VELHA — Meritíssimo, na primeira noite eu não pude saber se São Bandido fazia milagres mesmo: era só aquela vaca. Alguns dias depois vieram os empregados dos fazendeiros, querendo levar minha vaca. Mas acabaram dando a volta, diante da minha porta, e foram embora sem a vaca, levando cada qual no alto da cabeça um calombo do tamanho de um ovo: aí eu fiquei sabendo que São Bandido havia tocado no coração deles e feito deles criaturas muito boas.

*O bandido Irakli ri alto.*

FAZENDEIRO 1 — Eu sei o que foi que fez os homens mudarem de idéia.

AZDAK — Muito bem, depois você nos diz. Continuando!

CAMPONESA VELHA — Meritíssimo, outro que se tornou um bom sujeito foi o fazendeiro Schuteff, que é o diabo em figura de gente, como todo mundo sabe. Mas São Bandido mudou o sentimento dele, de tal modo que ele deixou de me cobrar o arrendamento e a cerca do meu pequeno pedaço de terra. . .

FAZENDEIRO 2 — Porque minhas vacas estavam levando esto-cadas mortais, nos pastos.

*O bandido Irakli ri.*

CAMPONESA VELHA (*a um sinal de Azdak*) — E depois foi um presunto que entrou voando pela minha janela, numa des-sas manhãs. Bateu bem nos meus rins. O Meritíssimo pode ver que ainda nem posso andar direito. (*Dá alguns passos, Irakli ri.*) E agora eu pergunto, Meritíssimo: alguma vez uma criatura pobre como eu pôde ter um presunto, a não ser por milagre?

*O bandido Irakli começa a soluçar.*

AZDAK (*saindo de sua cadeira*) — Avozinha, essa é uma per-gunta que o Tribunal sente calar no fundo do coração. Tenha a bondade de sentar-se na minha cadeira!

*A Camponesa Velha senta-se hesitante na cadeira do Juiz. Azdak senta-se no chão, com seu caneco de vinho.*

AZDAK — Avozinha, para mim seu nome é Mãe Grusínia: a que foi maltratada e roubada, cujos filhos a guerra arrebatou, e que em meio a tantos murros não perdia a esperança e chorava quando alguém lhe trazia uma vaca, e achava que era o milagre não lhe baterem mais. . . Julgue-nos, mas com clemência!

(*Aos gritos, aos Fazendeiros:*) Está provado que vocês não acreditam em milagres, cambada de herejes! Cada um de vocês está condenado a pagar quinhentas piastras de multa, por heresia. Dêem o fora!

*Os Fazendeiros vão saindo, desajeitados.*

AZDAK — E a senhora, avozinha, e você, forasteiro, venham es-vaziar um caneco de vinho com o Promotor Público e com Azdak!

CANTOR E MÚSICOS — A justiça ia ele repartindo como quem parte pedaços de pão, para o povo pisar em terra firme ainda que sobre os destroços das leis. E os comuns e os humildes afinal tinham alguém que podiam comprar de mãos vazias: o juiz Azdak.

Assim pesou ele, por setecentos e vinte dias, com falsa balança, queixas de mil, falando a língua deles. Na curul de juiz, tendo a seu lado as traves de uma forca, lá ia Azdak impondo o seu direito folheado.

CANTOR — E o tempo da desordem terminou, e ao seu lugar o Grão-Duque voltou, voltou a Mulher do Governador, um tribunal bem outro se instalou, muita gente morreu, se incendiou novamente uma parte da cidade, e o nosso Azdak aí se apavorou.

*A cadeira de Juiz está novamente instalada no Palácio da Justiça. Azdak, sentado no chão, ajeita os sapatos, conversando com Schauwa. Por cima do muro vê-se passar, na ponta de uma alabarda, a cabeça do Príncipe Gordo.*

AZDAK — Schauwa, os seus dias de serviço, talvez até os minutos, estão contados. Fiz o que pude para agüentar você com os freios de aço da razão, que acabaram tirando san-

gue da sua boca. Esporeei você com argumentos sensatos, e chicoteei você com a lógica. Você é por natureza uma criatura fraca, e quando se tem a malícia de lhe apresentar um argumento, você cai logo em cima para devorá-lo: não sabe se controlar. Seu temperamento leva você a lambear as mãos de um ser superior, mas pode haver uma porção de seres superiores, e aí é que entra o seu livre-arbítrio: você é capaz de se deixar levar pelos instintos, que são baixos, ou pela intuição, que não engana e que ensina você a pisar nas caras das pessoas com as solas grossas dos seus pés. Acabou-se o tempo da confusão e da desordem, e não veio a Idade de Ouro, para mim tão bem descrita na "Canção do Caos", que nós vamos agora cantar, juntos, em memória do tempo horrível que passou. Sente-se aí e não saia do tom! Não tenha medo: ela pode muito bem ser ouvida, porque o estribilho é muito popular. (*Canta:*)

Os fidalgos se lamentam e os da plebe estão contentes.  
Diz a cidade: "Deixai-nos expulsar os prepotentes!"  
Repartições saqueadas, listas de empregos rasgadas.  
As grandes mós dos moinhos, os senhores amarrados.  
Já estão vendo a luz do dia

os que antes não viam nada.  
Urnas de ébano quebradas, e da madeira de sésamo,  
tão preciosa, agora tábuas de cama são recortadas.  
Quem antes não tinha pão, já tem seu próprio celeiro.  
Quem esmolava migalhas, agora espalha dinheiro.

SCHAUWA — Oh, oh, oh, oh!

AZDAK — Meu general, onde está? Não tem ordens para dar?  
Ninguém reconhece mais os filhos dos potentados.  
A filha da grande dama agora serve à criada.  
Escondem-se na despensa os senhores deputados.  
Dorme agora em boa cama

quem junto ao muro dormia.  
Quem remava uma canoa, agora tem um navio  
que vão olhar, sem o ter, os proprietários antigos.  
Cinco homens, que eram mandados  
pelo patrão, já respondem:  
"Vá o senhor mesmo, que nós,  
aonde íamos, já chegamos!"

SCHAUWA — Oh, oh, oh, oh!

AZDAK — Meu general, onde está? Não tem ordens para dar? . . .  
Pois é mais ou menos o que ia acontecendo conosco, se a Ordem fosse descurada por mais algum tempo. Mas agora o Grão-Duque, com a vida salva pela besta que eu sou, voltou para a Capital, e os persas deram a ele um exército para restabelecer a ordem. Os subúrbios já estão pegando fogo. Me traga aquele livro grosso, que eu sempre faço de almofada para sentar! (*Schauwa apanha em cima da cadeira de Juiz um grande livro, que Azdak se põe a folhear.*) Isto aqui é o Código das Leis, e você é testemunha de que eu sempre fiz uso dele.

SCHAUWA — Pelo menos para sentar em cima.

AZDAK — Agora acho melhor procurar dentro dele alguma coisa que me possa servir. Sempre fiz de conta que não percebia as culpas dos pés-rapados, e isso é capaz de me custar caro. Sempre ajudei os pobres a se agüentarem nas pernas magras, e agora podem me enforcar por embriaguez. Sempre tive olho grande nos bolsos dos ricos, e isso não se faz. Mas não posso me esconder em lugar nenhum, porque sempre ajudei a todo mundo e todo mundo me conhece.

SCHAUWA — Vem gente aí.

AZDAK (*levanta-se às pressas e encaminha-se vacilante para a cadeira*) — Está tudo acabado. Mas não vou dar a ninguém o prazer de me mostrar a grandeza humana. Peça a você, de joelhos, que não vá embora, por piedade! Estou com a boca seca, com medo de morrer.

*Entra Natella Abaschvili, a Mulher do Governador, com o Ajudante e um Cavalariano.*

MULHER DO GOVERNADOR — Shalva, quem é essa criatura?

AZDAK — Um homem de boa vontade, Alteza, que está aqui para servir.

AJUDANTE — Natella Abaschvili, a viúva do Governador assassinado, acaba de voltar, e está à procura do filho dela, Miguel Abaschvili, de dois anos de idade. Ela tem conhecimento de que o menino foi levado para a montanha, por uma pessoa da antiga criadagem.

AZDAK — O caso vai ser resolvido como Vossa Alteza mandar.

AJUDANTE — Parece que a tal pessoa faz o menino passar por filho dela.

AZDAK — Será decapitada, se Vossa Alteza mandar.

AJUDANTE — É só.

MULHER DO GOVERNADOR (*saindo*) — Não gostei da cara desse homem.

AZDAK (*acompanhando-a à porta com profundas reverências*) — Tudo se resolverá, Alteza. É só Vossa Alteza mandar!

## 6

### O CIRCULO DE GIZ

CANTOR — Vejam agora como foi julgada a questão do filho de Abaschvili, o ex-Governador, em que se identifica a verdadeira mãe pela famosa prova do círculo de giz!

*Na sala do Tribunal, em Nukha. Cavalarianos entram com Miguel e atravessam o recinto, saindo com ele pelo fundo da cena. Outro Cavalariano, com sua alabarda, impede que Grusche cruze a porta enquanto o Menino é levado para fora; depois, dei-*

*xa-a passar. Ao lado dela está a antiga Cozinha do ex-Governador Abaschvili. Ao longe, barulho de luta e clarões de incêndio.*

GRUSCHE — Ele é muito esperto: já toma banho sozinho.

COZINHEIRA — Você está de sorte: esse aí não é um Juiz de verdade, é o Azdak, um beberão que não sabe de nada. Os maiores ladrões já foram absolvidos por ele. Como ele mistura tudo, e os ricos nunca dão a ele dinheiro bastante, às vezes um de nós pode sair ganhando.

GRUSCHE — Hoje eu estou precisando mesmo de sorte.

COZINHEIRA — Então não invoque o nome dela em vão! (*Persigna-se.*) Acho melhor rezar depressa um terço, para o Juiz não estar bêbado. (*Põe-se a orar, com movimentos surdos de lábios, enquanto Grusche olha em vão à procura do Menino.*) — Só não entendo por que você faz tanta questão de ficar com ele, nos dias de hoje, se não é seu filho.

GRUSCHE — Ele é meu, sim; quem criou fui eu!

COZINHEIRA — Você nunca pensou no que poderia acontecer quando ela voltasse?

GRUSCHE — No começo pensei em devolver o menino a ela, depois pensei que ela não ia voltar mais...

COZINHEIRA — A roupa dos outros também esquenta, é ou não é? (*Grusche confirma de cabeça.*) Vou testemunhar como você quer, só porque você é uma pessoa de bem. (*Recordando:*) Eu fiquei dando de mamar a ele, por cinco piastras, e Grusche veio buscar o menino no domingo de Páscoa, à noite, em plena revolução. (*Olha para o soldado Chachava, que se aproxima.*) Mas para o Simon você criou um problema: já falei com ele, e ele não é capaz de entender.

GRUSCHE (*sem vê-lo*) — Se ele não é capaz de entender, eu agora não posso fazer nada.

COZINHEIRA — Já entendeu que o menino não é seu filho; mas que você queira tomar o lugar dos pais, e não largue isso de lado, correndo até perigo de vida, isso ele não entende mesmo.

*Grusche dá com os olhos em Simon e o cumprimento.*

SIMON (*austero*) — Eu gostaria de comunicar à moça que estou pronto a jurar que o pai desse menino sou eu.

GRUSCHE (*baixinho*) — Muito obrigada, Simon.

SIMON — Ao mesmo tempo gostaria de comunicar que não estou assumindo nenhum compromisso, e a moça também não.

COZINHEIRA — Não adianta: ela está casada, você sabe.

SIMON — Isso é com ela, e não precisa ficar repetindo.

*Entram dois Cavalarianos.*

OS CAVALARIANOS — Onde está o Juiz? — Alguém viu o Juiz por aqui?

GRUSCHE (*que virou o rosto, escondendo-se*) — Fique na minha frente! Eu não devia ter vindo a Nukha. Se dou de cara com o Cavalariano que golpei na cabeça...

*Um dos Cavalarianos, que vieram trazendo o Menino, aparece.*

CAVALARIANO — O Juiz não está aqui.

*Os outros continuam procurando.*

COZINHEIRA — Espero que não tenha havido nada com esse Juiz. Com outro, para você ter alguma chance, só depois que a galinha criar dentes.

*Aparece outro Cavalariano.*

CAVALARIANO (*o que antes perguntou pelo Juiz, informando*) — Só tem dois velhos e um menino. O Juiz sumiu!

OS OUTROS CAVALARIANOS — Vamos continuar procurando!

*Os dois primeiros Cavalarianos saem às pressas, o terceiro fica parado em pé. Grusche dá um grito. Ele volta-se: é o Sargento, com uma enorme cicatriz que toma todo um lado do rosto.*

CAVALARIANO (*à porta*) — Que foi, Schotta? Você conhece a moça?

SARGENTO (*depois de olhar demoradamente*) — Não.

CAVALARIANO (*à porta*) — Dizem que ela roubou o filho de Abaschvili. Se você souber de alguma coisa, Schotta, vai poder ganhar um bom dinheiro.

*O Sargento sai praguejando.*

COZINHEIRA — Foi ele? (*Grusche confirma de cabeça.*) — Acho que não vai dar com a língua nos dentes, pois assim teria de confessar que andou querendo pegar o menino.

GRUSCHE (*aliviada*) — Já tinha quase esquecido que fui eu quem salvou o menino de cair nas garras deles...

*Entra a Mulher do Governador, com o Ajudante e dois Advogados.*

MULHER DO GOVERNADOR — Graças a Deus, pelo menos aqui não tem povo: cheiro de povo me dá enxaqueca, e eu não agüento.

ADVOGADO 1 — Por favor, nobre senhora, tenha o máximo cuidado com o que disser, até arranjarmos outro Juiz!

MULHER DO GOVERNADOR — Mas eu não disse nada demais, Illo Schuboladze. Eu adoro o povo, com a simplicidade que tem; é só o cheiro que me dá enxaqueca.

ADVOGADO 2 — Pouca gente vem assistir. A maior parte da população está trancada a sete chaves, para fugir da agitação nos subúrbios.

MULHER DO GOVERNADOR — É essa aí a figura?

ADVOGADO I — Por favor, nobre Natella Abaschvíli, abstenha-se de qualquer referência injuriosa, até estarmos certos de que o Grão-Duque nomeou o novo Juiz e assim ficamos livres do atual, a pessoa mais baixa que já se viu metida numa beca. Parece que as coisas estão progredindo, veja só!

*Cavalarianos entram no recinto.*

COZINHEIRA — A mulher do Governador seria capaz de arrancar todos os cabelos que você tem na cabeça, se não estivesse informada de que Azdak é a favor dos humildes: ele julga pela cara.

*Dois Cavalarianos começam a passar uma corda por cima de uma trave. Entra então Azdak, acorrentado, e atrás dele, também acorrentado, Schauwa. Por fim, os três Fazendeiros ricos.*

UM DOS CAVALARIANOS — Tentativa de fuga, heim? (*Bate em Azdak.*)

UM DOS FAZENDEIROS — Tirem a beca dele, antes de enforcar!

*Cavalarianos e Fazendeiros tiram as roupas de Azdak de Juiz, deixando à vista as ceroulas e a camiseta rasgadas. Então um deles dá-lhe um empurrão.*

CAVALARIANO (*jogando-o para cima do outro*) — Você não estava querendo um bocado de justiça? Lá vai!

*Aos gritos de "Segura!" e "Isso eu não quero!", vão empurrando Azdak, para um lado e para outro, até que ele desaba no chão; então põem-no de pé e levam-no para baixo da corda com o nó corrediço.*

MULHER DO GOVERNADOR (*que batia palmas freneticamente durante o jogo de empurra*) — Esse homem me pareceu antipático desde que o vi pela primeira vez.

AZDAK (*arquejando e sangrando*) — Não enxergo nada, me dêem um pedaço de pano!

OUTRO CAVALARIANO — Que é que você está querendo ver?

AZDAK — As caras de vocês, cachorros! (*Limpa com a ponta da camisa o sangue dos olhos.*) Meus cumprimentos, ca-

chorros! Como vão vocês, cachorros? Como é que vai o mundo dos cachorros: está fedendo bem? Tem uma bota nova para vocês lamberem? Continuam mordendo-se uns aos outros, cachorros?

*Entra um Arauto coberto de poeira, tira de uma bolsa de couro uns papéis e os examina rapidamente. Depois, interfere.*

ARAUTO — Parem! Trago aqui uma mensagem do Grão-Duque, contendo as novas nomeações.

SARGENTO (*berrando*) — Sentido!

*Todos os Cavalarianos tomam posição de sentido.*

ARAUTO — Quanto ao novo Juiz, diz aqui: "Nomeamos para o cargo de Juiz um homem a quem se deve agradecer por ter salvo a vida mais preciosa para o país, um homem que em Nukha é conhecido como Azdak". Quem é?

SCHAUWA (*apontando Azdak*) — É aquele, embaixo da forca, Excelência.

SARGENTO (*berrando*) — Que diabo está havendo aqui?

UM CAVALARIANO — Com licença, peço permissão para esclarecer que esse Meritíssimo já era Meritíssimo antes, e foi denunciado por esses fazendeiros como inimigo do Grão-Duque.

SARGENTO (*aos Fazendeiros*) — Evacuem! Evacuem o recinto! (*Eles são levados para fora, entre abundantes reverências.*) — E tenham cuidado, para o Meritíssimo não vir a ter outros aborrecimentos! (*Sai, com o Arauto.*)

COZINHEIRA (*a Schauwa*) — Ela estava batendo tantas palmas: espero que ele tenha visto.

ADVOGADO I — É uma catástrofe.

*Azdek cáira desacordado. Reanimam-no, e ele volta a si; tornam a vestir nele a beca e a toga de Juiz, e ele afasta-se cambaleante do grupo de Cavalarianos.*

OS CAVALARIANOS — Não foi por mal, Meritíssimo! — O que é que o Meritíssimo deseja?

AZDAK — Nada, meus cachorrinhos sem dentes. Podem lam-ber minhas botas, agora. (*A Schauwa:*) Você já está absoldido! (*Tiram-lhe as correntes.*) Vá me buscar um vinho tinto, doce! (*Schauwa sai.*) Saíam todos, que eu tenho um caso a julgar! (*Saem os Cavalarianos. Entra Schauwa de volta com um caneco de vinho. Azdak bebe a grandes goles.*) Alguma coisa para o meu traseiro! (*Schauwa traz o Código e ajeita-no no assento da cadeira de Juiz. Azdak senta-se.*) Já estou recebendo as custas!

*As faces dos litigantes, que estavam agrupados com um ar de grande preocupação, iluminam-se com um sorriso de alívio. Há um cochicho.*

COZINHEIRA — Que azar!

SIMON — “Um poço não se enche com gotas de orvalho”, diz o ditado.

OS ADVOGADOS (*aproximando-se de Azdak, que se mostra muito impaciente*) — É uma questão inteiramente ridícula, Meritíssimo! — A parte contrária raptou o menino e agora recusa-se a entregá-lo!

AZDAK (*com a mão espalmada diante deles, e olhando para Grusche*) — É uma pessoa muito atraente. (*Recebe mais dinheiro.*) Está aberta a sessão, e espero que me digam a verdade, toda a verdade, nada mais que a verdade. (*A Grusche:*) — Você, principalmente!

ADVOGADO 1 — Egrégio Tribunal! O sangue, diz a voz sobe-rana do povo, é mais espesso que a água. Tão antiga sabedoria...

AZDAK — O Tribunal deseja saber em quanto montam os hono-rários dos senhores advogados.

ADVOGADO 1 (*perplexo*) — Como, Meritíssimo? (*Azduk esfrega maliciosamente os dedos indicador e polegar.*) Ah, sim:

quinhentas piastras, Meritíssimo, respondendo à Inusitada pergunta do Tribunal.

AZDAK — Todos ouviram? Inusitada pergunta! Mas eu só perguntei porque, sabendo que são advogados bem pagos, agora vou lhes dar mais atenção.

ADVOGADO 1 (*com uma reverência*) — Obrigado, Meritíssimo... Egrégio Tribunal! Os laços de sangue são os mais poderosos de todos os laços. Mãe e filho: haverá ligação mais profunda? Pode alguém se interpor entre uma mãe e um filho? Egrégio Tribunal! Ela o concebeu no mais sa-grado êxtase do amor, carregou-o em seu ventre, alimentou-o com seu próprio sangue, pariu com dor. Egrégio Tribunal! Já se tem visto como até a cruel fêmea do tigre, a quem se tiram os filhotes, anda errante pelas montanhas, sem descansar, sem comer, até ficar reduzida à própria sombra. A natureza...

AZDAK (*interrompendo, a Grusche*) — Que resposta você tem a dar, a isso e a tudo mais que o senhor Advogado vai dizer ainda?

GRUSCHE — O menino é meu.

AZDAK — Só? Espero que possa provar. Em todo caso, acho bom me dizer por que acredita que eu devo dar o menino a você.

GRUSCHE — Eu o criei na melhor forma de ciência e consciên-cia. Nunca deixei que ele ficasse sem comer. Sempre dei a ele um teto. E, por causa dele, tenho tido aborrecimen-tos de toda sorte; até perdi meu emprego. Mas nunca pen-sei na minha própria comodidade. Ensinei-o a ser amável com todas as pessoas, e a amar o trabalho, desde o come-ço, mas ele é muito pequenino ainda.

ADVOGADO 1 — Meritíssimo, é muito significativo que essa pes-soa não alegue nenhuma espécie de laço de sangue entre ela e o menino.

AZDAK — O Tribunal toma conhecimento.



ADVOGADO 1 — Obrigado, Meritíssimo. Peço permissão para que uma mãe, profundamente humilhada, que já perdeu seu extremado esposo, e que teme agora perder também o filho, dirija algumas palavras a Vossa Meritíssima! A nobre senhora Natella Abaschvili...

MULHER DO GOVERNADOR (*mansamente*) — Meu senhor, um cruel destino me põe na contingência de suplicar a Vossa Meritíssima que me devolva o meu amado filho. Não me cabe pintar aqui o quadro das amarguras de uma mãe roubada: as angústias, as noites sem sono, as...

ADVOGADO 2 (*aparteando*) — É incrível a maneira como se trata esta senhora: proibida de entrar no palácio do marido, privada dos rendimentos dos seus bens, bens esses que lhe são friamente declarados como pertencentes ao herdeiro, e ela nada pode fazer sem o filho. Nem aos advogados ela pode pagar! (*Ao Advogado 1, que, aflito com o aparte, lhe faz gestos frenéticos para que se cale:*) Meu prezado Illo Schuboladze, por que não dizer que se trata realmente dos bens dos Abaschvili?

ADVOGADO 1 — Por gentileza, meu caríssimo Sandro Oboladze! Nós tínhamos combinado... (*A Azdak:*) Está naturalmente claro que, do resultado deste processo, dependerá também a reentrada de nossa nobre constituinte na posse dos consideráveis bens dos Abaschvili; mas eu quero frisar esse "também", porque, em primeiro plano, coloca-se a tragédia humana de uma mãe, conforme Natella Abaschvili ia descrevendo com todo o direito no preâmbulo do seu comovente depoimento... Mesmo que não fosse o herdeiro de todos os bens, o menino Miguel Abaschvili jamais deixaria de ser o filho muito amado de nossa constituinte!

AZDAK — Um momento! A referência aos bens da família é recebida por este Tribunal como uma prova de interesse humano.

ADVOGADO 2 — Obrigado, Meritíssimo. Meu prezado Illo Schuboladze, em todo caso podemos provar que a pessoa com quem está o menino não é a verdadeira mãe dele! Peço

vênia para submeter à apreciação deste Tribunal os fatos em sua verdade nua e crua. O menino Miguel Abaschvili, por uma série de circunstâncias lamentáveis, ficou abandonado, por ocasião da fuga de sua mãe. A jovem Grusche, que trabalhava na cozinha do palácio, achava-se presente, naquele domingo de Páscoa, e era fácil de observar o carinho com que ela cuidava do menino...

COZINHEIRA — A patroa só estava preocupada com os vestidos que ia poder levar!

ADVOGADO 2 (*impávido*) — Quase um ano mais tarde, Grusche apareceu com um menino, numa aldeia montanhesa, e contraiu matrimônio com...

AZDAK (*a Grusche*) — Como foi que você chegou lá em cima?

GRUSCHE — A pé, Meritíssimo, e o meu menino comigo.

SIMON — O pai sou eu, Meritíssimo.

COZINHEIRA — Eu fiquei dando de mamar a ele, Meritíssimo, por cinco piastras...

ADVOGADO 2 — Este homem é noivo de Grusche, Meritíssimo, e o que ele diz não merece fé deste egregio Tribunal.

AZDAK — Foi com você que ela se casou, na aldeia da montanha?

SIMON — Não, Meritíssimo: lá, ela se casou com um camponês.

AZDAK (*chamando Grusche com um aceno*) — Por que? (*Referindo-se a Simon:*) Ele não é bom de cama? Diga a verdade!

GRUSCHE — Ele e eu nunca fomos para a cama. Só me casei por causa do menino: eu queria dar um teto a ele. (*Referindo-se a Simon:*) Meu noivo estava na guerra, Meritíssimo.

AZDAK — Mas agora ele bem que gostaria de morar com você, não?

SIMON — Eu queria fazer uma petição. . .

GRUSCHE (*zangada*) — Já não sou livre, Meritíssimo.

AZDAK — E o menino, como é que você explica: é filho de uma puta? (*Grusche não responde.*) Estou fazendo uma pergunta: que filho é esse? É filho de um vagabundo da rua ou é rebento de uma família importante.

GRUSCHE (*magoadá*) — De qualquer um.

AZDAK — Pergunto o seguinte: desde pequenino ele já tinha traços refinados?

GRUSCHE — Tinha um nariz no meio da cara.

AZDAK — “Tinha um nariz no meio da cara”: eu considero da maior importância, esta sua resposta. De mim, costumam dizer que eu nasci de um parecer judicial e fui cair num galho de roseira. São lendas, necessárias ainda hoje. Mas eu vou abreviar o julgamento, para não ouvir mais as mentiras de vocês. (*A Grusche:*) As suas, principalmente! Posso imaginar o que vocês (*ao grupo dos acusados*) andaram tramando para me tapear, eu conheço vocês: são uns impostores!

GRUSCHE (*de repente*) — Eu acredito mesmo que o senhor vai abreviar tudo: vi muito bem o dinheiro que puseram na sua mão!

AZDAK — Cale essa boca! De você, eu cobre alguma coisa?

GRUSCHE (*enquanto a Cozinheira tenta contê-la*) — É porque sabe que eu não tenho nada.

AZDAK — Isto mesmo: de gente igual a você, que nem tem o que comer, eu não cobro coisa alguma. E, por causa disso, eu vou morrer de fome? Vocês querem que se faça justiça, mas não querem pagar por ela, querem? Quando vão ao açougueiro, sabem que têm de pagar; mas quando procuram o Juiz, vão como quem vai para um velório.

SIMON (*em voz alta*) — “Quando se ferra o cavalo, o carrapato estica as pernas”, diz o ditado.

AZDAK (*aceitando a provocação, de bom grado*) — “Mais vale uma jóia no estrome, do que uma pedra na água corrente.”

SIMON — “Bonito dia! Vamos pescar? Disse o anzol à minhoca.”

AZDAK — “O dono de mim sou eu, disse o criado, e cortou o pé fora.”

SIMON — “Eu amo a vocês todos como um pai, falou aos camponeses o Czar, e o próprio filho mandou degolar.”

AZDAK — “O pior inimigo do idiota é ele mesmo.”

SIMON — Mas “o peido é assim porque não tem nariz”.

AZDAK — Dez piastras de multa, por linguagem indecorosa perante o Tribunal: para aprender a respeitar a Justiça!

GRUSCHE — Bonita Justiça! A gente é castigada só porque não sabe fazer discurso enrolado, como aquela mulher e os advogados dela.

AZDAK — É mesmo: vocês são estúpidos demais, e é justo que levem sempre na cabeça.

GRUSCHE — E o senhor ainda quer entregar o menino nas mãos daquela dona, tão fina que com certeza não vai ter coragem nem de mudar as calcinhas sujas dele! De justiça o senhor não entende mais que eu, fique sabendo!

AZDAK — Não deixa de ser verdade: sou um homem sem pregaro, e minhas calças estão remendadas embaixo da beca, pode olhar se quiser. O negócio comigo é comer e beber, fui criado num colégio de padres. E, além do mais, você vai ter que pagar uma multa de dez piastras por desrespeito ao Tribunal. Por outro lado, demonstra ser uma pessoa bastante obtusa, ao me pôr de prevenção contra você, em vez de procurar cair nas minhas boas graças, me coçando um pouco as costas. Vinte piastras!

GRUSCHE — Mesmo que tenha de pagar trinta piastras, ainda quero dizer mais uma coisa sobre essa sua justiça, seu pimentão encharcado em álcool. Como é que tem coragem de vir para cima da gente com essa arrogância toda, como quem tem um rei na barriga? Quando sua mãe botou você no mundo, não estava previsto que ela ainda acabaria levando de você uns bolos de palmatória nas juntas dos dedos, por ter surripiado um bolo de milho não se sabe onde... E agora não tem vergonha de querer me ver tremendo na sua frente? Você se deixou transformar em laçao para evitar que acabem tirando as casas que seus patrões roubaram; mas, desde quando, as casas pertencem aos percevejos? E você ainda fica aí, tomando conta, enquanto nossos homens são arrastados para a guerra, seu vendilhão!

*Azdaq pôs-se de pé, começando a ficar excitado. Com um pequeno malhete, bate na mesa, um tanto contrafeito, como a pedir silêncio; mas como as ofensas de Grusche continuam, ele perde a paciência.*

GRUSCHE — Você não me faz sentir o mínimo respeito: para mim, é igual a um ladrão ou um assassino qualquer, de faca em punho, pronto a fazer o que lhe der na telha. Vai me tirar o menino, aposto cem contra um, mas uma coisa eu lhe digo: para um cargo como o seu, só deviam nomear infanticidas e agiotas, como castigo, porque sentar uma pessoa em cima dos semelhantes ainda é pior do que pendurar numa forca!

AZDAK (*sentando-se*) — Agora a multa é de trinta piastras! Não vou continuar batendo boca com você aqui, como se fosse num botequim, para não manchar minha dignidade judiciária. E também já perdi toda a simpatia pelo seu caso. Onde está o casal que queria se divorciar? (*A Schauwa:*) Traga logo os dois, que isso a gente resolve em menos de um quarto de hora.

ADVOGADO 1 (*enquanto Schauwa vai saindo*) — Nobre senhora, não é preciso dizer mais nada: nossa causa está ganha.

COZINHEIRA (*a Grusche*) — Você foi destratar o Juiz, ele agora vai tirar o menino de você.

*Entra um casal de Velhos muito idosos.*

MULHER DO GOVERNADOR — Shalva, me dá o vidrinho de perfume!

AZDAK — Já estou recebendo as custas. (*Os Velhos não entendem.*) Então vocês dois querem se separar? Há quanto tempo estão juntos?

VELHA — Quarenta anos, Meritíssimo.

AZDAK — E por que querem separar-se agora?

VELHO — Não temos simpatia um pelo outro, Meritíssimo.

AZDAK — Desde quando?

VELHA — Desde o primeiro dia, Meritíssimo.

AZDAK — Vou tomar conhecimento do propósito de vocês e preferir minha sentença depois que terminar um outro caso. (*Schauwa conduz os dois Velhos a um plano de fundo.*) Preciso do menino! (*Faz sinal a Grusche para aproximar-se e inclina-se para o lado dela, sem animosidade:*) Já vi a idéia que você faz da Justiça. Não acredito em você: o menino não é seu filho... Mas se fosse, mulher, você não gostaria que ele tivesse uma vida de rico? E só dizer agora que não é seu filho, e num instantê ele vai ser dono de um palácio, com uma porção de cavalos na estrebaria, uma fila de mendigos na porta, uma porção de soldados lutando por ele, e uma porção de gente solicitando favores na corte... Que tal? O que é que você me diz disso? Então não quer que ele seja rico?

*Grusche não responde.*

CANTOR — Ouçam agora o que, na sua fúria, Grusche pensava mas não dizia: (*Canta:*)

Botas de ouro teria,  
os humildes pisaria,  
muita maldade faria,  
e de mim talvez riria.

Ai, que é duro, noite e dia,  
ter de pedra o coração.  
Deve ser uma agonia  
ser mau com o poder na mão.

Mais vale temer a fome  
que os de barriga vazia.  
Mais vale temer as sombras  
que a claridade do dia.

AZDAK — Acho que entendo você, mulher.

GRUSCHE — O menino, eu não entrego: quem criou fui eu e ele está acostumado é comigo.

*Schauwa entra com o Menino.*

MULHER DO GOVERNADOR — A roupa dele é um trapo!

GRUSCHE — Não é verdade. Só não me deram tempo de vestir nele a camisa nova.

MULHER DO GOVERNADOR — Parece que saiu de algum chiqueiro!

GRUSCHE (*fora de si*) — Porca eu não sou, mas sei de gente que é! Onde foi que você largou seu filho?

MULHER DO GOVERNADOR — Você apanha, sua vagabunha! (*Faz menção de agredir Grusche, mas é contida pelos Advogados.*) É uma criminoso! Precisa levar umas chibatadas, imediatamente!

ADVOGADO 2 (*fechando-lhe a boca*) — Nobilíssima Natella Abaschvili, a senhora já havia prometido... Meritíssimo, são os nervos da reclamante...

AZDAK — Da reclamante e da reclamada! O Tribunal ouviu todos os argumentos, e ainda não chegou a nenhuma conclusão clara quanto a quem seja a verdadeira mãe do menino. Em minha qualidade de Juiz, tenho a obrigação de descobrir alguém que seja uma mãe para ele. E vou fazer uma prova. Schauwa, arranje um pedaço de giz e trace

um círculo no chão! (*Schauwa traça no chão um círculo, com o giz.*) Ponha o menino dentro do círculo! (*Schauwa põe o Menino dentro do círculo, e o Menino sorri para Grusche.*) Agora a reclamante e a reclamada tomem posição perto do círculo, as duas! (*Grusche e a Mulher do Governador aproximam-se do círculo.*) Segurem o menino pelas mãos! A verdadeira mãe há de mostrar força bastante para tirar o menino de dentro do círculo.

ADVOGADO 2 (*apressado*) — Egrégio Tribunal, eu protesto contra essa forma de colocar os bens dos Abaschvili, estreitamente ligados à sorte do menino herdeiro, na dependência de uma espécie de duelo tão duvidosa! E acrescento ainda: minha constituinte não dispõe de força que se iguale à dessa rapariga acostumada ao trabalho braçal.

AZDAK — Pois ela me parece muito bem nutrida. Puxem!

*A Mulher do Governador acaba arrancado o Menino de dentro do Círculo: Grusche não faz nenhuma força, e fica olhando, parada.*

ADVOGADO 1 (*cumprimentando a Mulher do Governador*) — Que foi que eu disse: Os poderosos laços do sangue!

AZDAK (*a Grusche*) — Que foi? Você não fez força nenhuma!

GRUSCHE — Eu não estava segurando bem. (*Corre para junto de Azdak.*) Meritíssimo, retiro tudo que disse do senhor e peço que me perdoe. Eu só queria tomar conta do menino até ele saber falar: ele só sabe ainda umas duas ou três palavras:

AZDAK — Não queira influenciar o Tribunal! Aposto que você também não sabe mais de umas vinte palavras... Bem, vamos repetir a prova e acabar com isso de uma vez!

*As duas mulheres tomam posição novamente.*

AZDAK — Puxem!

*Grusche solta de novo a mão do Menino.*

GRUSCHE (*em desespero*) — Eu, que fiz tudo por esse menino, agora vou ser obrigada a machucá-lo? Não posso!

AZDAK (*levantando-se*) — Por esta prova, o Tribunal chegou à conclusão de quem é a verdadeira mãe. (*A Grusche:*) Pode pegar o menino e levar com você, mas aconselho a não ficar com ele nesta cidade. (*A Mulher do Governador:*) E a senhora, desapareça da minha vista antes que eu a condene por falso testemunho! Os bens da família Abaschvili passam à propriedade do Município, que se encarregará de custear com eles a construção de um parque para as crianças: elas estão precisando, e eu determino que se denomine “Jardim de Azdak”.

*A Mulher do Governador fica apalermada, e é afinal conduzida pelo Ajudante, enquanto os dois Advogados vão saindo. Grusche permanece imóvel, e Schauwa traz o Menino para perto dela.*

AZDAK — E aqui eu dispo a minha beca de Juiz, que me esquentava demais. Também não dou para grande figura. Mas ainda convido vocês para uma ligeira dança, no capinzal, como despedida. E, na minha bebedeira, quase ia me esquecendo de uma coisa: o divórcio, que tenho de assinar!

*Utilizando a cadeira como mesa, rabisca qualquer coisa num papel e prepara-se para sair. Já começou a música para dançar.*

SCHAUWA (*tendo o papel*) — Não está certo: quem o senhor separou não foi o casal de velhos, foi Grusche e o marido.

AZDAK — Será que erreí na separação? Seria uma pena, mas palavra de Juiz não volta atrás, e fica como está, senão seria o caos. Convido vocês para a minha festa, pois uma dancinha só pode fazer bem a todos. (*A Grusche e Simon:*) Vocês dois ficam me devendo quarenta piastras.

SIMON (*abrindo a bolsa*) — Ainda está barato, Meritíssimo. E muito obrigado!

AZDAK (*guardando o dinheiro*) — Acho que estou precisando.

GRUSCHE — É melhor a gente sair da cidade ainda hoje, não é, Miguelzinho? (*Tenta pôr o Menino nas costas. A Simon:*) Você gosta dele?

SIMON (*pondo o Menino nos ombros*) — É com prazer que faço isto: gosto, sim.

GRUSCHE — Agora vou lhe dizer uma coisa: eu só peguei o menino porque nós tínhamos ficado noivos naquela Páscoa. Ele é filho do amor. Vamos dançar, Miguel!

*Grusche dança com Miguel. Simon tira a Cozinheira para dançar. Os dois Velhos dançam também. Azdak permanece pensativo, cada vez mais encoberto pelos dançarinos. De vez em quando ele ainda pode ser visto, à medida que aumenta o número dos pares que dançam.*

CANTOR — Foi nessa noite que Azdak sumiu e não foi visto mais.  
O povo da Grusnia, todavia, não o esquece jamais:  
por muitos anos as sentenças dele ficaram na lembrança  
como marcos de uma idade de ouro  
em que a Justiça era quase perfeita.

*Os dançarinos vão saindo. Não se vê mais Azdak.*

CANTOR — E vocês, que escutaram bem a história do círculo de giz, escutem sempre com todo o respeito o que um mais velho diz:  
as coisas devem antes pertencer  
a quem cuidar bem delas,  
as crianças às mulheres mais ternas  
para crescerem belas,  
a carruagem ao melhor cocheiro  
para bem viajar,  
e o vale aos que o souberem irrigar  
para bons frutos dar.